



# centro de cultura social

publicação quadrimestral, nº 25, janeiro/abril: 1/2008

Rua General Jardim, nº 253 sala 22, Vila Buarque (Metrô República)  
Cartas: Caixa Postal 2066 - CEP 01009-972 - São Paulo/SP - Brasil.  
www.ccssp.org - ccssp@ccssp.org

## EDITORIAL

A alegria é potência. É insuportável, para pessoas cansadas. E acontece quando há vida, longe da ausência de vontade. É uma invenção: sem fórmulas nem moldes, irrompe, e abre espaços que resistem a serem territórios. Dançamos, quando poderíamos marchar rumo à salvação de alguma coisa. Nada a ser salvo, nada a ser preservado, nenhum ideal ou nenhuma causa a serem defendidos do tempo e seus esquecimentos. Quando o que interessa é a vida, nenhum além comanda as ações ou define os passos. O prazer de estar, frente ao desejo de ser; o contudente agora, frente ao possível futuro melhor. O que fazemos tem a profundidade de nossos nervos e o alcance de nossa pele, a força de nossa fome. De que outra maneira seria vital? E de que outra maneira seria libertário? Inventamos nossa existência, prescindindo de qualquer *em nome* de qualquer grande coisa. Invenção: a lâmina que corta o que se consagra como inevitável, melhor ou pior, sempre para todos. Nossa existência interrompe a fatalidade: é desnecessária e improvável, e acontece apenas entre interessados. E acontece!

É com alegria que o CCS se reinventa a cada dia, a cada nova atividade; a cada nova pessoa que chega, trazendo um novo olhar, novas referências e conhecimentos, um ânimo novo. E foram muitas presenças novas registradas no ano que passou. Pessoas que vieram pela primeira vez ao Centro de Cultura, para assistir a um filme ou a uma palestra, tomar um café e trocar idéias. Pessoas que adquiriram o hábito de vir, mesmo sem saber qual seria a palestra programada, porque aqui realimentam a chama da liberdade com a faísca da alegria.

Pousamos em suas mãos nossa alegria, nas páginas deste boletim. Alegria que se manifesta na programação de palestras e eventos públicos das tardes de sábado, estendendo-

se também pelas sessões de *Cinema e Anarquia*, das tardes de domingo e nos *Encontros no Café Malatesta*, das noites de quinta-feira, inicialmente dedicados a Proudhon. Veja a programação de eventos na última página.

Além das informações objetivas, este boletim contém opiniões e comentários sobre assuntos diversos, tais como um comentário sobre o 40º aniversário do Maio de 68 francês, por Nilton Melo, as impressões de viagem de Nildo Avelino em contato com nossos companheiros do CIRA e da FICEDL, as palavras, sempre contundentes, de Maria Lacerda de Moura, anotações sobre Emma Goldman, por Natalia Montebello, uma reflexão sobre nossas crises internas, por Alberto Centurião, uma resenha de Ana Salles e Gabriel Espiga sobre o livro *Anarquismo - Roteiro da libertação social*, de Edgard Leuenroth (parceria da Editora Achiamé com o Centro de Cultura Social), uma carta resposta do movimento anarco-punk a respeito da vinculação do movimento com a violência nos meios de comunicação, a ocupação *Casa das Pombas* e a repressão e criminalização contra ela, por Marina Chen, poesia e notícias. E as programações de sábados e domingos, até o mês de junho.

O relançamento do livro de Edgard Leuenroth foi a primeira do que se pretende uma série de publicações em parceria editorial com nosso amigo Robson Achiamé, editor e associado do Centro de Cultura Social. Aguardem.

Boa leitura. E lembrem: O CCS vai bem, obrigado, mas não prescinde do seu apoio e, principalmente, da sua participação. Venha às reuniões, participe dos eventos, critique, sugira, dê idéias, colabore. O CCS somos nós em movimento, juntos e livres.

*Saúde e anarquia!*

## CÍRCULO ALFA EXPULSOU EDGAR RODRIGUES

Damos conhecimento do fato da expulsão do anarquista, escritor e integrante do Centro de Cultura Social, Edgar Rodrigues (*Antônio Francisco Correia*), pelo grupo Círculo Alfa de Estudos Históricos (Projeção), do qual foi fundador e um dos principais colaboradores há mais de 30 anos.

Em seu livro *Lembranças Incompletas* lançado recentemente, Edgar fez duras críticas à forma como vem sendo gerido o acervo do Círculo Alfa. No próximo boletim daremos mais informações sobre o assunto.

## Cinqüentenário do CIRA, Lausanne

Nildo Avelino



Parti de Paris na manhã de 14 de setembro, em TGV, direto para Genebra, onde desembarquei para tomar outro trem para Lausanne. Na estação de Genebra, a eficiência da polícia de imigração foi impecável e abertamente seletiva. Junto a uma mulher negra, experimentei a *politesse* fascista do paraíso da democracia européia: checaram meus documentos, scanearam a mim e minhas bagagens e revistaram até minhas meias. Soube depois que a Suíça passava por uma onda de conservadorismo inédito nesse país, que historicamente acolheu revolucionários anarquistas "perigosos", exilados

pela perseguição policial de seus países: cartazes espalhados pela UDC (União Democrática do Centro) exibiam despidoradamente o racismo da Suíça romanda; neles, uma ovelha negra e *imigrante* é chutada para fora do território suíço por um rebanho de ovelhas brancas e *cidadãs*, sob a divisa "Para maior segurança" [Pour plus de sécurité].

Mas isso não diminuiu meu entusiasmo e minha inquietação por conhecer o solo onde se deram os primeiros congressos da célebre AIT (Genebra, 1866; Lausanne, 1867), e o famoso CIRA; nem diminuiu a beleza da Suíça, dos seus lagos cristalinos, sua neve e seus imensos campos de pêssegos.

Cheguei ao CIRA no cair da tarde de um belo dia ensolarado. Ao passar o portão, deparei-me com um magnífico jardim sombreado por um enorme cedro centenário. O CIRA é um sobrado ao lado de duas outras casas, onde vivem Marianne Enckell e alguns outros companheiros responsáveis pelos trabalhos. A construção está em ótimo estado e, me disse Fred (um dos bibliotecários), foi desde sua construção concebida para arquivo e biblioteca. No primeiro andar, muitos livros do mundo todo; no andar de cima, algumas mesas e também muitos jornais. O CIRA ainda dispõe de um incrível acervo de imagens, vídeos e músicas anarquistas.

Após um delicioso jantar servido no jardim, fui hospedado numa ocupação chamada La Laiterie: um prédio de cinco andares no centro de Lausanne onde existia uma antiga fábrica de leite. Um grupo de cerca de oito jovens anarquistas é responsável pela organização da ocupação. O lugar é muito limpo, com luz, água quente e aquecimento, garantidos por placas de captação de energia solar instaladas pelos próprios ocupantes. Dentre os numerosos quartos que recebem muito confortavelmente visitantes de qualquer lugar, um chamava particularmente atenção: era o *love room*, quarto destinado para jogos sexuais coletivos.

Na manhã do dia 15, conheci representantes de centros, arquivos e bibliotecas anarquistas de vários lugares do mundo; participei dos debates representando o Centro de Cultura Social de São Paulo e o Núcleo de Sociabilidade Libertária. Foi uma oportunidade única de rever alguns queridos amigos e fazer novos contatos importantes. Durante os debates, Marianne Enckell fez um balanço da campanha bem sucedida de solidariedade ao CIRA: 110.000 euros foram levantados, graças aos quais foi garantida a continuidade do CIRA nesse lugar formidável. Uma cozinha foi instalada a céu aberto e um bar com muito chope e vinho foi improvisado numa rústica cabana de madeira no centro do jardim. Não só o encontro foi muito bem organizado pelos companheiros de Lausanne, mas também todos fizeram de tudo: lavaram pratos, descascaram batatas,

limparam as mesas etc. O preço das refeições e bebidas era livre, e cada um depositava o dinheiro correspondente ao consumo numa caixa destinada para esse fim.

Na tarde do dia 15, uma mesa com os participantes foi organizada sob o tema "Lá onde existe um anarquista, existe um livro: conferência-debate sobre as edições e a imprensa anarquista". Transcrevo a proposta do debate: "Lá onde existe um anarquista existe um livro, lá onde existe um libertário ativo existe uma revista, uma brochura ou um jornal. O ideal anarquista alcançou os quatro cantos da Terra graças à imprensa e às edições libertárias que, malgrado as condições freqüentemente difíceis entre repressão e limites financeiros, souberam difundir novas idéias. Ainda hoje, os livros e os jornais anarquistas continuam incansavelmente propondo, não somente ao movimento anarquista, propaganda, análises e memórias de pequenas e grandes lutas que existem e resistem. E isso ainda mais com a internet e com o desenvolvimento das novas tecnologias de informação. Mas, como funcionam as edições anarquistas hoje? Como são escolhidos os textos para publicação? Como funciona a distribuição dos livros, revistas e jornais, entre a propaganda militante e o mercado? Na ocasião dos 50 primeiros anos do CIRA, sábado 15 de setembro de 2007, nós vos convidamos para esta mesa redonda internacional sobre a edição anarquista e seus desafios futuros."

Vários editores falaram de sua produção editorial e da situação da edição anarquista em seu país. Por volta das oito da noite jantamos no Espaço Autogerido de Lausanne, onde na mesma noite houve um *show* de algumas bandas punks.

O dia 16 foi reservado para reunião internacional da FICEDL, da qual falaremos em seguida. A festa de aniversário do CIRA terminou com uma animada tómbola, muita música e bebida... e um odor jovial exalava dos seus 50 anos de existência.

*Salut et longue vie au CIRA!*

### Federação Internacional de Centros de Estudos e Documentação Libertários (<http://ficedl.info>)

A festa do Cinqüentenário do CIRA foi também a ocasião da 13ª reunião internacional da FICEDL (Federação Internacional de Estudos e Documentação Libertários), da qual o CCS é membro.

Após uma reunião preparatória, ocorrida em Genebra nos dias 27 e 28 de maio de 1978, a FICEDL nasce no primeiro encontro internacional de centros, arquivos e bibliotecas, organizado em Marseille, nos dias 14, 15 e 16 de abril de 1979. Após sua constituição, a FICEDL se reuniu em Lyon, nos dias 24 e 25 de maio de 1980, depois na Alemanha, em Wetzlar, nos dias 18 a 20 de abril de 1981, em Barcelona, nos dias 23 e 24 de outubro de 1982, em Genebra, em 12 e 13 de outubro de 1985, em Milão, nos dias 28 e 29 de novembro de 1987, em Lausanne, nos dias 31 de março e 1 de abril de 1990, em Amsterdã, de 29 a 31 de maio de 1992, novamente em Barcelona, em 16 e 17 de abril de 1994, em Marseillé, em 1996, em Valência, no ano de 2000 e, no seu 12º encontro, em Marseille no ano de 2005.

Do 13º encontro participaram: Jeroen e Maartje, do Centro de Estudos Anarchy is Order, da Bélgica; Rossella di Leo e Amadeo Bertolo, do Archivio Pinelli de Milão; Franco Bertolucci, da Biblioteca Franco Serantini de Pisa; Alessia Bruni, Cristina Bruni e Tomaso Marabibi, da Biblioteca Armando Borghi de Bolonha; Luigi Balsamini, da Biblioteca Travaglini de Fano (Itália), Biblioteca L'Idée de Roma; Nildo Avelino, do

Centro de Cultura Social de São Paulo; Manel Aisa, Olga Fernández e Jaume Samperiz, do CDHS-AEP (Centro de Documentação Histórico-Social/Ateneu Enciclopédico Popular) de Barcelona; Laurent, do Centro de Documentação Libertária/Livraria La Gryffe de Lyon; Calude Delattre, do CGECAFCDA (Catálogo Geral das Edições e Coleções Anarquistas Francófonas-Centro de Documentação Anarquista) de Lille; Marianne Enckell, Frédéric Deshusses, Silvia Francolini, Ismael Zosso, Christiane Sonde, Nanda, Aga, Ludo e outros, do CIRA de Lausanne; Felipe Equy e Maryvonne Nicolo, do CIRA de Marseille; Horst Stowasser, do *Das Anarchiv*, de Neustadt/Wstr, Alemanha; Angel Bosqued, da Fundação Salvador Seguí de Barcelona; Edições La Baronata, do Cantão Ticino, Suíça; e ainda Tomas Ibáñez; Pierre Sommermeyer; David Doillon; Alain Thévenet; Heloisa Castellanos; Eduardo Colombo; Eric (*Épbémérde Anarchiste*); Silvia Zweidler; Wener Portmann; Paolo Finzi (*Revista Anarchica*, Milão).

Uma das decisões da 13ª reunião foi a organização do próximo encontro internacional de 2009 na Itália, talvez em Pisa. Foi decidida a organização e atualização das informações relativas aos diversos centros membros. Para isso será enviado um questionário, e alguns centros ficarão encarregados por fazer novos contatos: CIRA Marseille, para a França, CIRA Lausanne, para a Suíça, CCS São Paulo para o Brasil etc. Foi manifestada a necessidade de se criar um portal na Internet, um boletim da FICEDL e uma lista de discussão.

Abaixo reproduzimos as bases de acordo da FICEDL, para divulgação, na intenção de despertar o interesse das iniciativas de centros de estudos, arquivos e bibliotecas libertários do Brasil em relação aos objetivos e intenções designados.

### Pacto Associativo

Aos dias 14, 15 e 16 de abril de 1979, em Marseille, França, foi constituída a Federação Internacional dos Centros de Estudos e Documentação Libertários (FICEDL). Esta federação se propõe:

- preservar o patrimônio cultural do movimento libertário internacional e torná-lo acessível;
- coordenar e desenvolver a atividade dos Centros aderentes.

1. Podem aderir à Federação todos os Centros de estudos e de documentação que aprovem as finalidades da Federação.

2. A adesão se faz sob apresentação de 2 (dois) Centros. Ela deve ser aceita em **unanimidade** dos Centros aderentes.

3. A Federação pode admitir membros associados.

4. Cada Centro aderente deve prever a eventualidade de sua dissolução e tomar disposições estatutárias para conservar a integridade de suas coleções. Ele se compromete a consultar a Federação para esse efeito e informá-la, quando de sua adesão, sobre as disposições que tomará.

5. Os Centros aderentes dotam-se, na medida do possível, de uma estrutura coletiva, sobre o plano jurídico.

6. A Federação publica um Boletim de Relações e de Informações, cujos redatores são designados na Assembléia Geral.

7. A Assembléia Geral dos Centros é soberana. As decisões são tomadas em unanimidade dos Centros presentes com a única condição de que o *quorum* de 2/3 (dois terços) seja alcançado. A Assembléia Geral se reúne pelo menos uma vez a cada dois anos. Um Centro aderente pode se fazer representar na Assembléia Geral por um outro Centro aderente, mas, em nenhum caso, qualquer Centro pode dispor de mais de dois mandatos. Cada Assembléia Geral decide a data e o lugar da Assembléia seguinte. No intervalo, o Centro organizador da futura Assembléia assegurará a relação entre os Centros.

8. Uma Assembléia Geral extraordinária dos Centros pode ser organizada a pedido de um Centro, com o acordo de 2/3 (dois terços) dos Centros aderentes.

9. Todo Centro que não participar do trabalho coletivo se auto-excluirá da Federação. Sua saída seria, então, ratificada pela Assembléia Geral.

10. A dissolução da Federação só pode ser decidida em Assembléia Geral dos Centros, a qual estabelecerá as modalidades dessa dissolução e a devolução de seus bens.

Aprovam este Pacto de Associação, sob reserva da Assembléia Geral de cada um dos Centros, os Centros seguintes: IISG (Amsterdã), CIRA (Genebra), CIRA (Marseille), CSL (Milão), ADZ (Wetzlar), CDL (Lyon), CHS (Barcelona), CEDA (Bordeaux)...

## Maio de 68 - De volta à França

Nilton Melo

"Desafio os franceses a romperem realmente com o espírito, com o comportamento e com as idéias de Maio de 68... Trazer a nação de volta à política através da moral, da autoridade, do respeito e do trabalho". Palavras do então candidato à presidência da França, Nicolas Sarkozy, durante a campanha eleitoral. Na mesma linha, mas em sentido inverso, vimos saudações de vários segmentos da esquerda, enviadas aos protestos juvenis da periferia parisiense em 2005, por ocasião da votação da Lei do Primeiro Emprego, dimensionando esses acontecimentos como redescobrimiento desse mesmo maio de 68. Por isso, e por mais, ao contrário daqueles que dizem que os rompantes de iconoclastia de 40 anos atrás tornaram-se eventos datados, a plataforma de campanha do então candidato da direita ao executivo francês e os vivas à queima de automóveis parisienses demonstram que são muito mais presentes do que alguns querem mostrar. Mas, afinal, que legado é esse, que tentam ora resgatar, ora enterrar?

Antes de qualquer coisa, temos que tomar esse momento histórico como algo que contou com múltiplas leituras até o momento. Não se pode esquecer que, excetuando-se a direita em geral e a ortodoxia católica, todos dão a Maio de 68 uma investidura positiva. Anarquistas, alguns marxistas e poucos liberais; todos têm para si um quinhão daquela primavera. Uma primavera que extrapolou fronteiras e se refletiu em vários países da Europa e Américas.

Do rastilho da série de protestos, greves, ocupações, passeatas e confrontos com as forças policiais, está o estopim de um caldeirão de anseios imersos em uma época de grande

contestação e idéias. Em maio de 1968, greves estudantis estouraram em Paris, fruto de uma sequência de boicotes e protestos em algumas universidades da França, que já estavam ocorrendo semanas antes. A onda espalhou-se rapidamente, adquirindo feições muito mais abrangentes, calhando a adesão dos movimentos de trabalhadores, culminando em uma greve geral que paralisou de metade a dois terços da força de trabalho francesa. Mas, ao não se tratar de um movimento de categorias, extrapolou-se o aspecto meramente reivindicatório. No bojo dos acontecimentos, os seus protagonistas, especialmente os anarquistas, levaram no discurso e na prática a crítica à velha sociedade. Valores, sexualidade, comportamento, educação. Nada ficou sem ser questionado e refeito na prática. Nas ruas.

Isso tudo a despeito da repressão brutal exercida pelo governo gaullista e do descrédito efetivado pelo Partido Comunista Francês e pela Confederação Geral do Trabalho Francesa. É bom lembrar que não só no início houve resistência de alguns marxistas em prestar apoio aos insurretos, por ordem do clero stalinista, como também depois de duas décadas, numa tentativa pouco honesta de retocar a história, culpou-se a pluralidade de bandeiras pelo malogro do movimento, sob a argumentação de que esse suposto desvio das forças revolucionárias dos trabalhadores em outros temas, que não a luta de classes, foi o responsável pela rápida dispersão do movimento após a convocação de novas eleições parlamentares, feita pelo governo ainda naquele ano. Quando o líder do PC Francês, George Marchais, chamou Daniel Cohn-Bendit

de "judeu alemão anarquista", a demonstração de repúdio à frase infeliz foi assumir o epíteto, supostamente depreciativo, como uma afirmação, afrontando o também representante da autoridade, PCF. O revide dos manifestantes foi: "somos todos judeus alemães", pois anarquista não assustava ninguém. Afinal, tudo era um pouco anarquista naqueles dias.

Para aquela época, a idéia monolítica de que o proletariado constituía-se na força motriz da transformação social já estava sendo criticada pela idéia, em voga então pela nova esquerda, de que outros elementos da sociedade - a juventude e excluídos da sociedade burguesa - também tinham papel na transformação da história. E assim o foi. Muito mais que um movimento coordenado e coeso, o que se testemunhou foi a disseminação da idéia de liberdade e utopia.

Quem busca em 68 um direcionamento, um objetivo claro que pudesse ter sido revertido em algo utilitarista, decepciona-se. E não faz jus aos que participaram daquela turba criativa, pois das várias reivindicações propostas, quase nenhuma se efetivou. O que ficou para contar a história foram as próprias histórias de vida dos seus participantes.

A época presente é sucessora daquelas idéias libertárias e das contestações dos valores tradicionais, bem como das propostas de liberação de costumes, desenhadas nos textos, muros e ocupações. Trazer à tona temáticas como arte, sexualidade, individualidade, questões étnicas e de gênero, das guerras colonialistas e do Vietnã, pluralizou o discurso classista, hegemônico até então nas esquerdas e inclusive no movimento anarquista. Isso

denotou muito o modo de fazer as coisas até então. Uma euforia tomara conta das ruas. Uma espontaneidade consciente, um ímpeto de ação direta latente. Maurice Joyeux, anarquista francês presente à época, bem fala que, mesmo sem perceber, os atores de tudo aquilo agiam de um jeito anarquista. Isso sem desconsiderar que as coisas aconteciam de forma desordenada, sem um direcionamento centralizado, tudo ao mesmo tempo, agora.

Porém, deve-se tomar cuidado com a comparação com os demais movimentos sociais, como foram os recentes protestos da periferia de Paris. Embora se possa levar em consideração que aspirações meramente reivindicatórias possam trazer consigo implicações "revolucionárias" dado que, por exemplo, nesse caso, é colocado em xeque um sistema que não tem capacidade de absorver tamanha demanda, isso não sustenta o argumento. Não se deve esquecer que tal movimento teve um caráter reformista, mesmo que insípido. Muito mais que transformação da sociedade, seja lá o que isso for, segurança trabalhista e inclusão no atual estado de coisas foram as principais palavras de ordem. Constata-se, no geral, que a juventude hoje é - em sua grande maioria - conservadora. Por mais simpatia que inspirem aqueles jovens confrontando as autoridades, numa justa reivindicação de condições de vida digna, ainda assim, refere-se a um pedido de inclusão na atual ordem.

Não elogiar os acontecimentos de um passado de 40 anos atrás, mas mergulhar em sua força é muito mais profícuo do que tentar eleger um substituto contemporâneo.

### EXPEDIENTE

boletim informativo do  
Centro de Cultura Social

• Fizaram este número: Natalia Montebello, Marina Chen, Ana Salles, Diego Duenhas, Nilton César, Acácio Augusto, Francisco Ripó, Gabriel Espiga, Alberto Centurião e Nildo Avelino.

• Arte e impressão:  
Robson Achiamé

• Textos para publicação: até duas laudas, após aprovação. O boletim fecha todo dia 25 do primeiro mês de cada quadrimestre.

### Tesouraria

O CCS é uma associação sem fins lucrativos mantida pela generosidade de seus apoiadores. As contribuições financeiras são uma prerrogativa de seus associados, mas não só: se você considera importante o trabalho do CCS, o apóie! Os valores das contribuições são livres, mesmo que a assembléia tenha estipulado um valor mínimo indicativo de R\$ 30,00 mensais. Os meios de contribuição são: 1) solicitando boleto bancário que poderá ser recebido pelos correios ou por e-mail através de arquivo .pdf; 2) através de cheque nominal ao Centro de Cultura Social e cruzado enviado para: Caixa Postal 2066 - CEP 01009-972 - São Paulo/SP; 3) através de depósito em conta corrente: Banco Itaú S/A, conta 68.704-1, agência 021-1, CNPJ 54.220.108/0001-19, informe à tesouraria o nome do depositante para que o crédito possa ser identificado; ou 4) diretamente na sede do CCS.

#### Contribuições Associativas em 2007

Nome	Valor
Acácio Augusto	R\$197,20
Alberto Centurião	R\$200,00
Alexandre Ciscato	R\$400,00
Ana Salles	R\$30,00
Antonio Valverde	R\$100,00
Beatriz Tragtenberg	R\$1.170,00
Carlos Magno di Natale	R\$340,00
Christina Lopreato	R\$720,00
Diego Duendas	R\$45,00
Dóris Accioly	R\$130,00
Evaldo Amaro Vieira	R\$240,00
Fábio Ferreira Dias	R\$50,00
Francisco Cuberos	R\$680,00
Francisco Romero Ripó	R\$194,55
José Carlos Orsi Morel	R\$75,00
Luana Ferreira da Silva	R\$32,00
Manuel Ramos	R\$328,00
Margareth Rago	R\$620,00

Maria Ap. Cubero	R\$500,00
Marina Chen	R\$45,00
Marinice Fortunato	R\$210,00
Miriam Arcaño	R\$390,00
Natália Montebello	R\$200,00
Nildo Avelino	R\$391,14
Nilton César	R\$292,70
Salete Oliveira	R\$350,00
Sérgio Queiroz Norte	R\$150,00
Sidney Almeida	R\$390,00
Contribuição não identificada	R\$305,00
Transf. livraria	R\$1.850,95
<b>Total Geral</b>	<b>R\$10.626,54</b>

Gastos Realizados em 2007	
Despesas	Valor
Assinatura de periodicos	R\$207,20
Condomínios	R\$5.432,78
Conservação predial	R\$778,89

Correios	R\$222,59
CPMF	R\$6,46
Despesas bancárias	R\$850,47
Eventos	R\$316,70
Impostos e taxas	R\$1.065,04
Luz, Água e Telecom	R\$500,17
Materiais de consumo	R\$104,24
Transf. livraria	R\$1.426,19
Xerox e impressões	R\$300,00
<b>Total Geral</b>	<b>R\$11.210,73</b>

#### Resumo Geral

Saldo em 31/12/2006	R\$1.063,99
Entradas	R\$10.626,54
Saídas	R\$11.210,73
<b>Saldo em 31/12/2007</b>	<b>R\$479,80</b>

# O vidro e o vitral

Alberto Centurião

O CCS sofreu recentemente o afastamento de alguns associados. Companheiros valorosos que deram muito de si por este coletivo e pelo anarquismo. Sua saída, seja temporária ou definitiva, representa uma imensa perda intelectual e operacional para o Centro de Cultura, bem como uma perda emocional para muitos de nós.

Há quem saia atirando, há quem se retire com discreta elegância. Há quem se afaste sem desligar-se formalmente, talvez esperando o momento oportuno para retomar o convívio e as atividades, há quem se dedique a uma ação sistemática de desgaste da imagem do CCS junto a companheiros de outros coletivos, suscitando externamente as discussões não sustentadas em reuniões internas. Tudo isso é natural e compreensível, pois as separações, mesmo quando consensuais, são sempre recheadas de conteúdos emocionais. Não foi a primeira, nem será a última vez que isso acontece.

Nós, anarquistas, não somos contados entre as pessoas mais dóceis e cordatas do mundo; falta-nos a vocação para rebanho. Por isso mesmo, divergimos e discordamos com frequência; nossos debates são muitas vezes acalorados, transitando facilmente do plano teórico para o emocional. Somos, também, pessoas de brio e fortemente apegadas a valores e ideologias. Quem já conviveu em um coletivo anarquista sabe que muitas vezes essas qualidades éticas, que tanto valorizamos, dificultam o convívio e produzem diásporas.

Quem está certo e quem está errado? Quem tem razão e quem não? São perguntas irrelevantes diante do fato e das perdas conseqüentes para todos. Além do mais, para tais perguntas não existem respostas simples. Tendo conversado longamente com os que saíram e com os que permaneceram, cheguei à conclusão de que todos estão certos, visto que todos têm suas razões e agiram em consonância com elas. Da validade dessas razões

ninguém mais pode avaliar, posto que se trata de opinião pessoal e do exercício da liberdade de cada um.

O coletivo é um vitral onde cada indivíduo é um fragmento, a completar o desenho com sua cor e textura. A beleza do vitral só existe em decorrência do efeito produzido no conjunto pelas pequenas peças coloridas. Entretanto, cada pedaço considerado isoladamente, mesmo sendo belo e raro, não pode reproduzir o efeito do vitral.

Assim como as pessoas, as associações também nascem, crescem, decaem e morrem. Diversamente das pessoas, porém, a expectativa de vida das associações não é limitada, podendo prolongar-se indefinidamente. Basta, para isso, que continuem a existir pessoas comprometidas com seus objetivos e dispostas a lhes dar continuidade. Felizmente, esse é o caso do Centro de Cultura Social de São Paulo, neste momento.

Nosso vitral foi atingido e danificado em alguns pontos. Mas uma associação é

um vitral vivo e, por isso, dinâmico; em que as peças remanescentes se reorganizam internamente para suprir as reações, mas também contam permanentemente com o ingresso de novos componentes. Novos vidros emprestam suas cores e brilhos ao velho vitral, que se revitaliza movido pela necessidade, mas também por uma irresistível tendência a mudar, que é própria desses vitrais vivos que são os coletivos, enquanto estão vivos.

O CCS está vivo e segue em frente. Se uns partem, outros chegam, e esperamos que alguns retornem. Novos companheiros já contribuem expressivamente com as atividades, enquanto a nova geração continua chegando para ter aqui sua experiência inaugural com a prática anarquista. O vitral se reformula incorporando novos cacos, a grama arrancada volta a brotar. Vivo, o Centro de Cultura Social se transforma, quebrando velhos paradigmas e mudando, porque a realidade é mutável e o ser humano é mutante. Longa vida ao CCS!

## Carta resposta: o movimento Punk e a vinculação com a violência

Aos meios de comunicação e à sociedade

*Nota preliminar: uma primeira versão da carta, uma primeira discussão que ocorreram para que chegassemos nesta, que se segue abaixo, foi divulgada em algumas listas virtuais, sem que se houvesse chegado a um consenso. Assim, ressaltamos ser a presente carta o resultado das discussões e, portanto, opinião coletiva do Movimento Anarco-Punk de São Paulo.*

Desde o início do ano de 2007, uma série de casos de violência envolvendo punks tem sido veiculada pela mídia e, no mês de outubro, dois casos ocorridos em um curto intervalo de tempo tiveram enorme repercussão. Frente a todos estes acontecimentos, nós, do Movimento Anarco-Punk de São Paulo, vimos a necessidade de retratar, relatar e nos posicionar diante dos fatos.

É preciso ressaltar primeiramente que estas ações não têm quaisquer ligações com a cultura, política e filosofia de vida proposta pelo Punk. As idéias e ações punks sempre estiveram diretamente ligadas à mudança radical do sistema social no qual vivemos, através da música, estética, meios alternativos de difusão da informação e das diversas formas de manifestação cultural e política do Punk através dos tempos. O movimento Punk tem uma origem de luta e resistência contra o sistema, uma quebra de valores sociais e morais; é inegável também a militância e reconhecimento de punks dentro de diversos movimentos sociais, não como supostos “baderneiros”, mas como aliados dentro dos interesses revolucionários. Vide, por exemplo, a atuação de indivíduos punks junto ao movimento negro, homossexual, de luta por moradia, indígena, entre outros. Logo, não podemos aceitar que estes acontecimentos sejam generalizados e veiculados como verdade absoluta no que concerne ao movimento Punk como um todo.

Nossa história fala por ela mesma. Nossa luta é contra o sistema, e não contra o povo!

Nós, Anarco-Punks, não propagamos e nem compactuamos com a violência ou com o ganguismo. Mas, entretanto, é necessário que lembremos que vivemos atualmente em meio a uma on-

da de violência urbana crescente, em uma sociedade que promove o consumismo, a competição e a ganância, e que, por outro lado, provoca e legitima uma profunda desigualdade social. Ante este quadro, em que a violência se torna fator preponderante, casos de agressão, brigas e assassinatos, entre jovens, velhos, homens, mulheres etc., são cada vez mais frequentes, indo muito além do que agora se atribui como um fenômeno ligado ao Punk, ou aos casos que chegam aos jornais ou entram nas estatísticas. Pessoas exterminam-se como em uma guerra e nada é feito pelos governantes parasitas e burocratas acomodados, que apelam unicamente às forças policiais como meio de resolução do problema. Será preciso que lembremos pontos básicos, como educação e cultura? Até quando a sociedade irá procurar supostos responsáveis “criminosos” para um fenômeno do qual ela própria é, de fato, responsável? Mais uma vez afirmamos que a luta punk é a favor do povo e contra o Estado, a burguesia e os defensores deste e outros regimes totalitários: buscamos a liberdade e não a opressão!

Percebemos, na forma como tais casos têm sido tratados, a deturpação de nossos princípios, que com o apoio e ampla divulgação dos tendenciosos meios de comunicação de massa, vem minando os focos de luta e resistência popular Punk.

Há tempos nós, Punks, somos atacados e deturpados pela mídia corporativa, e desde o início da década de 80 sentimos e resistimos a este problema. O que no início gerou uma grande queda no movimento, atualmente é utilizado como mera manchete, da forma mais barata e tendenciosa possível. A cooptação do punk pelo sistema tornou fatos terríveis como estas notícias de extremo valor para o grande círculo midiático corporativo, colocando pessoas como meras personagens secundárias. Assim, o importante é o sangue e a violência, e não o que gerou estes atos. No entanto, quando explanamos isso, não falamos de algo superficial, tal como esta mídia tem abordado estes casos. Falamos de algo muito mais profundo, como em que condições diárias estão colocados tra-

balhadores e trabalhadoras, estudantes, senhores e senhoras; que fatos do cotidiano levaram a estes atos? Em quais condições sociais sobrevivem? Pois nada acontece de uma hora para outra...

A partir desta vinculação midiática do Punk com a violência, é perceptível também a tentativa de criminalização do movimento Punk como um todo, como se fosse possível atribuir este tipo de violência como característica de todo um grupo.

Termos como “grupo raivoso”, “ataques de punks”, ou comparações de semelhança entre o Punk com grupos fascistas, como os *skinheads*, têm pautado um discurso que, para além de deturpar nossos princípios e ideais, justifica a repressão a todos/as os/as Punks. Assim, em poucos dias já se veicula a informação de que o movimento Punk, e inclusive nós, Anarco-Punks, seremos alvo de investigação policial, sem que se questione a arbitrariedade dessas medidas.

E assim se criminalizam, sob um discurso arbitrário, todas as manifestações culturais e políticas de caráter pacífico que o movimento Punk produz e produzirá daqui em diante. Não podemos compactuar com isso! As manifestações populares não podem ser enquadradas como criminosas sem que ao menos questionemos!

Não defendemos e nunca apoiaremos esses atos de violência, mas o que questionamos é a forma mentirosa como eles são divulgados, colocando vítimas como mártires e agressores como carrascos, tudo para finalizar uma “boa notícia” que mais parece uma peça de teatro. Mas com isso nós perguntamos: quantas vidas são necessárias para uma “boa notícia”? Fazemos também a mesma pergunta que foi feita pelo cineasta Michael Moore ao dono da corporação transnacional Nike, Phil Knight, “quantos milhões são necessários para satisfazer seu ego”?

Parece-nos estranho, ainda, quando se coloca no papel de vítima um indivíduo que, apresentado como “estudante espancado”, é, na realidade, parte de um grupo neonazista que tem como prática principal, no exercício de sua intolerância, esse mesmo tipo de ação violenta, direcionada a homossexuais, imigrantes

e outros, como foi veiculado pela imprensa o caso ocorrido em fins de outubro nas imediações do batalhão da polícia militar (Rota).

Os fatos que têm ocorrido, com ou sem motivos plausíveis, não se justificam. Vidas não podem ter valor de mercado, não se agregam preços ou importância. São vidas!

Logo, tendo em vista todos os esforços que nós, Anarco-Punks, temos feito, dentro de nossa luta por reconhecimento da vida e dos direitos dos seres vivos, não podemos ser coniventes com atitudes que apenas deturpam nossa militância e nossos ideais.

Esses não são atos punks, mas de pessoas que não têm a mínima percepção e/ou relação com o que é de fato a cultura punk, ao tomar atitudes totalmente opostas àquilo que buscamos, que é o respeito às diferenças, a tolerância, e um mundo igualitário entre os diferentes. Também não apoiamos quaisquer atos de intolerância, sejam eles de homofobia, racismo, machismo, sexismo etc.

Enquanto pessoas morrem nas ruas das periferias e o sangue escorre para o asfalto desta grande metrópole que é São Paulo, nós, punks, resistiremos a toda a deturpação e ataque deste sistema a nossa cultura de luta e resistência popular.

Fatos como esses são, para nós, de extremo repúdio, efeitos de pessoas mal informadas e vitimadas pelo parasitismo social que este sistema impõe aos indivíduos. Estamos sentidos pelas reais vítimas desses atos, pessoas pobres que assim como nós, lutam para sobreviver dentro deste sistema opressor. E, diante dos fatos, o próprio Movimento Punk torna-se vítima também.

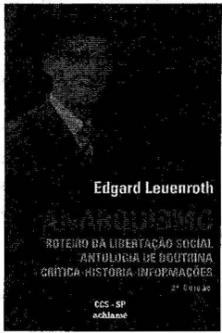
Continuamos na luta por mudanças e pela revolução social e contra toda e qualquer forma de fascismo e intolerância, sejam estes institucionais ou individuais.

Sem mais,

Movimento Anarco-Punk  
de São Paulo, MAP-SP  
map.sp@anarcopunk.org  
Cx. Postal 1677 CEP 01060-970 SP/SP

# Viva a Anarquia!

Ana Salles e Gabriel Espiga



Edgard Leuenroth. *Anarquismo – Roteiro da Libertação Social. Antologia de doutrina crítica, história – informações.* Rio de Janeiro/São Paulo: Achiamé/Centro de Cultura Social, 2007, pp. 208.

A obra de Leuenroth desdobra o anarquismo em uma amplitude histórica que atravessa o presente por meio de ações libertárias e libertadoras. Leuenroth atenta

ao *como* se libertar das amarras morais e dos dispositivos que intensificam o movimento das engrenagens do capitalismo. “Este documentário reflete uma afirmação de consciência alimentada por princípios bem sentidos e bem pensados, uma afirmação de propósitos de ação, serena, mas decidida, contra todas as formas de tirania, de exploração e de embrutecimento exercidas contra o povo e de luta em prol da liberdade e bem-estar de todos.” (p. 207)

De maneira simples, direta, e delicada, não é exagerado dizer que praticamente qualquer pessoa tem capacidade de compreender o anarquismo posto em evidên-

cia pelo autor. Mas sabemos que o anarquismo está desperto em poucos, e que os dispositivos de controle da sociedade sufocam a chama da liberdade.

As práticas anarquistas se tornam urgentes em um momento em que o capitalismo se fortalece; o Estado, por meio de direitos, intensifica brutalmente a execução de suas leis; os reacionários e conservadores clamam pela *ordem*, e o senso comum das massas e dos rebanhos eclesiásticos sustenta morais fascistas e aprisionadoras. O anarquismo é acontecimento e luta incessante. Importa inventar novas estratégias e insurgir com éticas de enfrentamento e de guerra.

Leuenroth não hesita em apontar desafios, dúvidas, problemas, e provocar no leitor reflexões para pensar outras éticas de vida. Mais do que empunhar a bandeira negra, formular discursos, e propagar o anarquismo pelas ruas, é preciso sentir o sangue negro se misturando com o vermelho, e senti-lo pulsando ardentemente nas veias, isto é, *viver* anarquias.

*Anarquismo – Roteiro da Libertação Social* é um convite ao leitor para pensar maneiras horizontais de sociabilidades, de expandir os sentidos, e experimentar a vida através de percursos inusitados.

Edgard Leuenroth apresenta ao leitor um roteiro de princípios libertários extraídos dos seus escritos e de outros militantes inquietos e audazes. A antologia orienta pensamento e ação dos anarquistas para enfrentar as diferentes formas de opressão e libertar a humanidade das amarras capitalistas. (Christina Loppreato)

Carta aberta à Sra. F. Vidal, Presidente da “União Cívica Radical de La Plata”, Província de Buenos Aires.

## A Sociedade Midgal e o tráfico das brancas<sup>1</sup>

Minha Senhora,

Tenho em mãos duas cartas e os jornais que teve a gentileza de me enviar, de uma perseguição e prisão de cafetões israelitas e outros traficantes de mulheres, de nacionalidades diversas – porque os há em todos os países, de todas as raças, de cada nacionalidade.

Peço-lhe perdão pelo fato de não poder ajudá-la, e à União Cívica Radical, nessa “campanha de moralidade”.

Nem mesmo me dirijo, conforme sua solicitação, à Sra. Bertha Lutz, representante ilustre e digna da Liga Internacional das Mulheres Ibérica e Hispano Americanas, instalada em New York, com sucursais em toda parte, nos países civilizados.

Não, minha Senhora. Não posso proceder contra a minha consciência.

Não sou, absolutamente, radical em coisa alguma, nem faço parte de nenhuma associação de mulheres burguesas e, conseqüentemente, reacionárias.

Demais, toda “campanha moralizadora” me é antipática por princípio...

Ninguém moraliza sem o padre ou sem a polícia, ou, pelo menos, sem a interessantíssima polícia de costumes.

E, para mim, é tão repugnante o papel da polícia que eu jamais lhe denunciaria o maior dos bandidos, o mais cínico dos perversos, o mais degradante dos homens.

Faço imenso esforço interior para não julgar os atos de outrem e para me conhecer a mim mesma.

Chego a ter verdadeiro horror ao ídolo da “moral”, a causa de todos os crimes sociais.

Interpor minha “influência” (engana-se, minha Senhora...) “ante as autoridades do Brasil, a fim de que redobre de vigilância nos portos de embarque e desembarque e apanhe os tenebrosos”?

Eu? Minha Senhora!

Se, como preliminar, sou contra o princípio de autoridade?

Roga-me que felicite, em nome da Mulher Brasileira, ao Dr. Manuel Rodrigues Ocampo, juiz argentino, pela sua “ação valorosa e justiceira” contra a Sociedade Israelita Midgal, inculpada do tráfico de brancas.

Não, minha Senhora. Não posso.

De há muito me preocupa o problema doloroso da prostituição. Estudei-o sob todos os aspectos, na sua história e na sua psicologia social, e até, com Bernard Shaw e outros iconoclastas do moralismo, na sua profunda filosofia.

Não sei, minha Senhora, se conhece “a profissão de Mrs. Warren”. Acho que não. Se tivesse meditado na ironia amargurada de Bernard Shaw ao descrever o tipo dessa cafetina, não cuidava mais de campanhas moralizadoras e iria direto à causa para buscar a solução para os efeitos, se possível...

Vejam, minha Senhora, apenas um trecho dessa comédia do grande psicólogo.

Mrs. Warren é sócia de um nobre, e são seus acionários e clientes, minha Senhora, como o são de todos os cafetões e cafetinas – juizes e reis, magistrados e nobres, capitalistas e clérigos de alta linhagem hierárquica, almirantes de generais, chefes de polícia e banqueiros – todas as altas patentes militares, todos os grandes estadistas e embaixadores, todos os diplomatas e todos os reis do dólar.

Está certa, minha Senhora, de que o juiz argentino nunca tenha penetrado os portões de uma casa de prostituição?

Que são os hotéis elegantes de todas as praias e grandes cidades, senão casas de “rendez-vous” da “gente honesta” e da “alta” e da “boa” sociedade?



A escritora libertária Maria Lacerda de Moura

A moral burguesa, minha Senhora, ensina os homens a defender, de unhas e dentes, cada qual, o seu lar e a sua família e a proceder como salteadores no lar das outras famílias. Salve-se quem puder... Otelo em casa, Don Juan em casa dos amigos.

E a questão da moralidade depende dos haveres.

Não sei quem disse que a alta burguesia ou a classe rica está além da moralidade, e a classe operária ou dos pobres, aquém da moralidade. Quem sustenta o edifício carcomido da moral social é a classe média.

Tudo isso é por demais longo para uma carta apenas. Paciência. Esboçemos a farsa em poucas linhas. E voltemos a Mrs. Warren.

Começou a vida sendo explorada. Depois, inteligente, aprendeu a explorar. Ficou rica. Teve filha. Sonhou fazer dela “grande dama-da-alta-sociedade”. Era fácil. Tinha haveres. Educou-a com as moças da alta linhagem em um colégio caro e elegante.

Vivie, quando compreende a situação de sua mãe, sente desprezo. Sente asco e humilhação. O seu orgulho de “mulher educada”, de mulher honesta, se revolta. Vejamos, em linhas gerais, o diálogo entre mãe e filha: Mrs. Warren sente-se magoada e ofendida.

“A Senhora Warren: – Minhas próprias opiniões! Minha maneira própria de viver!... Dá gosto ouvir como falas! Acreditas que fui criada como tu? Como podia escolher a minha maneira própria de vida? Crês que o que eu fazia era porque me agradava ou porque eu pensasse que estava bem? Acreditas que eu não houvera preferido ir ao colégio e ser uma dama distinta, tendo os meios para isso?”

Vivie: – Todo mundo pode fazer alguma escolha, mãe. A moça mais pobre não pode escolher entre ser rainha da Inglaterra ou diretora de escola; porém, segundo seu gosto, pode escolher entre a profissão de trapeira ou florista. As pessoas acusam sempre as circunstâncias. Não creio nas circunstâncias. As criaturas que medram neste mundo são

as que madrugam e buscam as circunstâncias de que necessitam, e, quando não as encontram, criam-nas.

A Senhora Warren: – Sim, sim! Muito fácil é falar, muito fácil, não é verdade? Ouça! Gostaria de conhecer quais foram as minhas circunstâncias, como dizes?

Vivie: – Sim; farias bem em me as referir...

A Senhora Warren: – ...Sabes quem era tua avó?

Vivie: – Não.

A Senhora Warren: – Não sabes, não é verdade? Eu o sei. Fazia-se passar por viúva e tinha um postozinho de pescados fritos perto da casa da Moeda, de cujo ganho vivíamos, ela e suas quatro filhas, duas de nós éramos irmãs do mesmo pai. Elisa e eu. As duas éramos bonitas e bem formadas. Suponho que meu pai era um homem que se nutrisse bem. Mamãe pretendia que era um senhor; eu, porém, o ignoro. As outras duas, nossas irmãs pela metade, eram umas pobres criaturas com o aspecto de famintos, pequenas e feias, porém resistentes para o trabalho e muito honestas. Elisa e eu batíamos muito nelas e, não fossem as surras que nossa mãe nos dava para livrá-las de nós, mais de uma vez as teríamos deixado quase sem vida. É que elas eram os membros respeitáveis da família! Pois bem: interessa-te saber o que conseguiram com sua respeitabilidade? Vou-te dizer. Uma trabalhou doze horas por dia em uma fábrica de alvaíade, para ganhar 9 xelins por semana, até o dia em que se convenceu de que o chumbo a havia envenenado. Pobre! Acreditava salvar-se com uma leve paralisia das mãos, e morreu. A outra também citavam sempre como modelo porque se casara com um empregado público, e conseguia manter limpos e bem cuidados sua moradia e seus três pequenos com 18 xelins semanais. Por desgraça, isso durou só até o dia em que ele se entregou à bebida. Valia a pena ser honrada para chegar a isso, não é verdade?

Vivie: (cheia agora de atenção pensativa) – Acreditavas? Elisa o acreditava?

A Senhora Warren: – Elisa não acreditava, posso-te assegurar. Tinha muito bom senso para tal. As duas íamos a uma escola congregacionista, o que contribuía para que tomássemos ares de parecer superiores a meninos que nada sabiam nem iam a parte alguma; ali ficamos até que Elisa, uma noite, desapareceu e não mais voltou. A professora pensava que eu seguiria o seu exemplo, e o pastor, querendo evitá-lo, me dizia, sem tréguas, que o fim de Elisa seria atirar-se ao rio. Pobre idiota! Era tudo quanto sabia disso. Eu, porém, temia mais a fábrica de alvaíade que a água do rio, e o mesmo teria pensado em meu lugar. Esse pastor me conseguiu um emprego de criada de cozinha em um restaurante de temperança, no qual se mandava buscar álcool quando os clientes o exigiam. Logo passei a criada de serviço e empregada em um bar da estação de Waterloo... Onde expedia licores e lavava copos durante 14 horas no dia, por 4 xelins por semana e a comida. Era um importante acesso, não é verdade? Uma noite, porém, muito triste e muito fria, estando tão cansada que apenas me podia manter desperta, a quem, não adivinhas, a quem vi entrar no bar para pedir um chopp?... Elisa, coberta com um grande manto de peles, elegante e confortável, e levando na mão uma bolsa de moedas de ouro.

Vivie: (sarcasticamente) – Minha tia Elisa!

A Senhora Warren: – Sim; e é uma tia como convém ter, asseguro-te. Agora habita em Windchester, perto da catedral, e é uma das damas mais respeitáveis da cidade. Acompanha as jovens aos bailes do condado... Já não há temor do rio para Elisa, graças a Deus...

“Acreditas que éramos bastantes idiotas para permitir que outros explorassem a nossa boa presença, empregando-nos como vendedoras ou na qualidade de camareiras,

1. Publicada em *La Protesta*, de Buenos Aires.

podendo nós mesmas aproveitá-la e receber todos os seus benefícios, em vez de salários de fome?”

“Em que outro ofício pode uma mulher economizar dinheiro?”

“Qual é o fim da educação de uma mulher de boa família, senão seduzir um homem rico e assegurar-se o desfrute da sua fortuna, casando-se com ele? Como se a cerimônia do casamento pudesse estabelecer uma diferença entre o bem ou o mal que encerra um mesmo ato!”

“É o melhor ofício, entre todos os que nos são acessíveis. É injusto, é certo. Se os homens organizaram assim o mundo para as mulheres, não podemos pretender que tenham feito de outro modo.”

“... As moças eram bem cuidadas. Algumas delas se saíram bem; uma se casou, com um embaixador.”

Seria interminável a citação.

A ironia de Bernard Shaw queima como ferro em brasa a moral da gente honesta.

Sob outro aspecto, não estudado em Bernard Shaw e observado, escrupulosamente, nas pesquisas do grande sábio e médico francês Parent-Duchâtelet, que dedicou os últimos oito anos de sua vida humana a angariar dados estatísticos e observações pessoais para estudar profundamente o problema da prostituição, – sob outro aspecto – depois de Parent-Duchâtelet haver estudado as doenças venéreas das prostitutas e todas as doenças a que estão sujeitas as meretrizes, chega à conclusão o eminente cientista de que sua maneira de viver, apesar de toda a intemperança, embora se exponham a todas as doenças contagiosas e às inclemências do tempo, à vida desregrada, “afinal de contas é muito mais saudável que a das costureiras e das outras mulheres que têm ocupações sedentárias”. Declara que essa conclusão é “triste e surpreendente”, mas é a realidade; o que quer dizer que a vida das costureiras, por exemplo, “é mais contrária à natureza do que a das prostitutas.”

E acrescenta Drysdale: “Uma vida em que há movimento, exercício sexual, o descanso, a boa alimentação e a variedade, é evidentemente mais saudável e, portanto, do ponto de vista físico, mais virtuosa que o constrangimento, o trabalho prolongado e o torpor animal a que são condenadas as nossas pobres costureiras.”

E continua: “Sem o hábito de beber, as prostitutas estariam livres de uma grande parte da ruína física e moral que acompanha o seu modo de vida. É verdade que os seus maus efeitos não se manifestam tão depressa como nas pessoas que trabalham fortemente (sobretudo em ocupações sedentárias, essa peste da civilização), e que, ao mesmo tempo, bebem muito.”

E o Dr. Acton também confirma: “Todos os observadores estarão de acordo comigo em testemunhar que nenhuma classe de mulheres é tão isenta de doenças gerais como as prostitutas.”

Isso não é o elogio da prostituição, mas, sob o ponto de vista físico, fora do código da moral contra a natureza, é a prova de que a prostituição – que representa o exercício sexual, necessário à harmonia orgânica – está acima do estado de *solteirona*, em que há o constrangimento moral da família e da sociedade, além do “pecado fisiológico”, e acima do estado de mãe de família proletária e pequeno burguesa, em que uma escravidão terrível ao homem, à prole infinita e ao trabalho forçado a inutiliza física e moralmente, baixando-a à categoria de animal de tiro e máquina de procriar a serviço do homem.

A conclusão é que se impõe uma educação sexual livre, a emancipação feminina – para que a mulher só tenha filhos quando quiser e nunca constrangida, e se liberte do ídolo da família, para viver a liberdade de amar –, fora dos códigos e dos dogmas religiosos e sociais.

Enquanto a mulher não for absolutamente livre para amar, haverá o comércio de lenocínio, pois que, acima de tudo, a natureza exige as relações sexuais.

Depois: enquanto a família for esse reduto falsificado da virtude, a coluna central do direito de propriedade no regime burguês capitalista, será indispensável o exército da pros-

tituição, para salvaguardar a pureza da sacratíssima instituição da família, abençoada pela Igreja e selada pelo Estado.

Assim, honra, inocência, virgindade, virtude, honestidade, todos esses ídolos sangrentos defensores do instinto de propriedade no regime burguês capitalista, postados em altares no templo da família, nada mais são do que o símbolo da moral do cafetismo social.

Representam a superstição, a rotina, a ignorância, o amordaçar da razão pela perversidade organizada da Igreja, a fim de que o Estado mais facilmente se apodere da presa inerme, inconsciente, e dela faça o joguete das ambições dos poderosos, os “super-elefantes” da autoridade temporal e espiritual.

“O produto é dividido pelos dois ladrões”...

Certo, a profissão oficial de explorador de mulheres deveria ser apenas acessível à mulher...

Assim como a prostituição é o exército branco do Estado e da Moral, arrematado para serviço dos homens, indispensável, como o exército armado, para a manutenção da ordem social e para a defesa do lar e da família; assim como o Estado recebe o imposto dos prostíbulos, dos *Cabarets*, dos bailes e dos *rendez-vous* organizados pelos cafetões – que são os empresários dessa tragédia –, cargo honroso do mesmo modo que é honroso ser organizador das olimpíadas ou empresário de grandes teatros, ou acionistas, como Rockefeller, das imensas usinas de material bélico; a profissão de cafetão e de cafetina é uma necessidade do Estado burguês e é incoerente essa perseguição movida pelos senhores de beca, sotaina ou espada contra o comércio do lenocínio. Que seria dos homens, se essa coisa não estivesse tão bem organizada internacionalmente?

Há uma internacional armamentista. Há uma internacional da diplomacia secreta. Há uma internacional do cafetismo. São troncos de árvore Estatal e Moralista.

E quanta consciência livre o sabe e o descreve!

Que diferença há, minha Senhora, entre a profissão do cafetão e a do grande industrial que envenena os produtos alimentícios e assassina crianças e adultos indefesos? – Porque o Estado, hoje, é propriedade do capital.

Que diferença há, minha Senhora, entre a profissão do cafetão e a dos lordes e nobres e banqueiros acionistas das usinas de armas de guerra, chacais que se nutrem dos campos de batalha, cafetões no grande mercado do gênero humano?

Está bem segura, minha Senhora, de que o crime dos cafetões é maior do que o daqueles que lhes pagam o preço da carne feminina?

Está bem certa, minha Senhora, de que um ato praticado por dois indivíduos de sexo oposto avilta a mulher e é natural para o homem?

Está convencida, minha Senhora, de que a profissão de prostituta – absolutamente indispensável à harmonia desta admirável organização social – é mais degradante do que a dos histriões que se dizem representantes de Deus na terra – para sufocar a razão humana e dominar pela astúcia e pela covardia?

E, o que é o casamento, senão a prostituição santificada pela Igreja e selada pelo Estado?

Está segura de que os Alexandres e Napoleões e Mussolinis – “himalaias de infâmias” – sejam superiores, na sua profissão de magarefes, aos exploradores de mulheres?

Está certa de que se não houvesse cafetões não haveria exploração feminina?

Abra Lachatre, minha Senhora, no capítulo em que fala Pio V. Verá que o Santo Padre fez uma lei contra as prostitutas, e verá também que os eclesiásticos se opuseram a sua execução, apresentando ao Papa a objeção séria de que as 45.000 rameiras que havia em Roma eram necessárias ao serviço do clero.

São os “tubarões” das finanças, da moral e do poder que têm necessidade do cafetismo organizado.

Talvez não saiba, minha Senhora, que quando um alto personagem do mundo político visita uma nação, o rei, o primeiro ministro, o presidente da república ou o embaixador – em caráter oficial –, é dever cavalheiresco dessa

nação pôr à disposição do hóspede uma mulher prostituta de alta linhagem social, a fim de que todos os seus prazeres sejam satisfeitos integralmente. E essa prostituta, que ganha rios de dinheiro, geralmente é... uma senhora honesta... de alta sociedade... casada com um estadista, com um intelectual notável, cuja carreira triunfal muito deve aos seus dotes de espírito...

Isso quer dizer que há um cafetismo elegante do Estado, anexo à diplomacia secreta.

Ninguém dirá, aí, que seja a luta pela vida.

Não, minha Senhora: razões de Estado.

A prostituição é o exército salvador da moral, da Igreja, e dos bons costumes.

E como denunciar a um, dois ou três cafetões profissionais, se toda a civilização unissexual é feita para o prazer do homem e para a exploração miserável da mulher?

Sabe, minha Senhora, dos nomes de grandes estadistas e diplomatas e juizes encontrados mortos ou retirados mortos de casas de prostituição? Eu poderia citar dezenas, mas seria alongar por demais uma carta, já por demais extensa.

Leia, minha senhora, *História da Prostituição*, de Dufour, e se convencerá de que, dentro da sociedade burguesa capitalista e em um regime em que a mulher é obrigada a guardar a virgindade do corpo para, com ela, comprar um marido; em um regime social em que tudo se compra e vende, o amor também obedece a lei da oferta e da procura – a prostituição é uma necessidade e a salvaguarda da honra da sacratíssima instituição da família. E o cafetão é o honesto explorador e empresário desse rendoso comércio anexo ao Estado.

Verá que a prostituição das rotulas e das calçadas é a luta contra a miséria e é o único caminho apontado à mulher pela sociedade, moralista e piedosa, se ela, por descuido ou por amor, perdeu a virgindade, tendo de lutar a braços com a fome e a nudez.

Enquanto a mulher não for dona do seu próprio corpo, haverá a prostituição e, conseqüentemente, o cafetismo profissional e o cafetismo oficial, protegido pela tiara, pela beca e pela espada e pelo cofre dos “tubarões das finanças”.

Tudo isso está admiravelmente definido na célebre frase de Bakunin, em *Deus e o Estado*: “O padre, que representa Deus, embrutece o cérebro, para que o soldado, que representa o rei, tire o corpo. E o produto do roubo é dividido entre os dois ladrões.”

Sabe, minha Senhora, a meu ver, qual o mais belo programa de Amor, Beleza e de Bondade para as reivindicações femininas? A não-cooperação com o Estado e com a religião, a suprema resistência a todas as forças reacionárias, a desobediência civil e a não-violência heróica, disposta a tudo para defender a Liberdade contra a Autoridade.

São as filhas do proletariado, são as mulheres obrigadas a ir para a rua ganhar o pão, as que servem nesse imenso exército de outra espécie de não-violência, exército da resignação passiva, heróicas, renunciando à família e à sociedade, como colunas na defesa da honra da virtude, da virgindade, da honestidade, da pureza (!) da família burguesa, das meninas “bem cuidadas” nos “*Sion*” ou nos “*Sacré-Coeur*”.

As burguesas honestas, da “boa” e da “alta” sociedade, as mulheres parasitas não podem dissertar em torno de questões de moral ou dos bons costumes. Acobertadas da prostituição pelo formidável exército das sacrificadas, alistadas nas fileiras do proletariado ou da pequena burguesia, as mulheres burguesas falam pela boca do padre ou pelo código do Estado. E Bakunin já os definiu a ambos, classificando-os abaixo dos cafetões: seus cúmplices e asseclas assalariados pela moral, pela lei e pelos bons costumes.

Perdão, minha Senhora, se não dei cumprimento às suas ordens.

Fraternalmente,  
Maria Lacerda de Moura  
Brasil. São Paulo. Julho de 1930.



### Livraria Mauricio Tragtenberg

Atualmente conta com mais de 150 títulos sobre anarquismo, entre livros e revistas. Além de poder comprar diretamente na sede do CCS, é possível pedir o envio do catálogo via postal ou acessar o serviço de livreria pela página da internet [www.ccssp.org/livraria](http://www.ccssp.org/livraria) e solicitar a entrega por correio.



### Café Malatesta

Um café... Uma bebida... Um bom papo... Tal como está nas chamadas para as atividades, o serviço de bar do CCS-SP funciona como

uma maneira de estimular a interação entre os frequentadores do espaço como descontração. Um motivo a mais, além das atividades, para gostar de estar entre companheiros.



### Biblioteca Antonio Martinez

Com um grande número de livros anarquistas disponíveis para consulta, conta ainda com vários números de jornais e revistas do Brasil e de outros países, além de cartazes, folhetos, fanzines e boletins. Há também a videoteca, que está incorporando cada vez mais filmes, documentários

e registros de áudio. Como um dos poucos espaços anarquistas abertos ao público no Brasil, a biblioteca do Centro de Cultura Social é procurada por vários pesquisadores e interessados. Por conta disso, está em constante processo de recolhimento de material. Se houver interesse em doar livros, revistas, jornais, teses universitárias, boletins, fanzines, manifestos, imagens, cartazes, vídeos ou qualquer outro material gráfico de conteúdo anarquista ou dessa área de interesse, entre em contato com o e-mail do CCS. Para poder ajudar no tombamento e organização ou se quiser pesquisar no acervo, basta comparecer à sede ou entrar em contato.

# O ideal dilacerado na paixão

Natalia Montebello

No dia 6 de setembro de 1901, o presidente dos Estados Unidos, William McKinley, visitou a Exposição Pan-americana de Buffalo. Na fila que se formou para estreitar a mão do presidente estava Leon Czolgosz. Em abril desse mesmo ano, Kropotkin tinha visitado Nova Iorque. Emma Goldman o conheceu em Londres, em 1895, em sua primeira viagem à Europa depois de que chegara a Nova Iorque, seis anos antes. Era uma jovem de 26 anos. Aos 16, em 1885, tinha emigrado para os Estados Unidos, interrompendo o autoritarismo paterno, que lhe impunha a condenação de um casamento arranjado. Foi viver em Rochester, junto a sua querida irmã Helena. Lá se casou e trabalhou como operária, e desde lá tomou conhecimento da tragédia de Chicago, de 1887. Tratava-se do assassinato legal de quatro anarquistas, Albert Parsons, August Spies, Adolph Fischer e George Engel, acusados sumariamente de um atentado obscuro, junto com Louis Lingg, que se suicidara depois de saber da sentença de morte. A tragédia de Chicago provocaria o final de seu casamento, o mergulho no anarquismo e sua saída de Rochester, rumo a Nova Iorque. Anos depois, pediu para ser enterrada do lado dos mártires de Chicago.

Quando conheceu Kropotkin, Emma – que tinha chegado à grande cidade da América com cinco dólares no bolso e o nome de um jovem anarquista que tinha visto alguma vez rapidamente – era uma mulher conhecida, temida, odiada e querida, sempre intensamente. Já tinha passado um ano na prisão. Diante da fome dos operários de Nova Iorque, e das infundáveis discussões sobre as vias legais de ajuda, a jovem anarquista, então com 24 anos, encerra um grande ato público na praça Union com um discurso incendiário: “Homens e mulheres [...], vocês não percebem que o Estado é seu pior inimigo? É uma máquina que os esmaga para poder sustentar a classe dirigente, seus amos. Como inocentes crianças, vocês depositam sua confiança nos líderes políticos. Lhes facilitam ganhar a confiança de vocês, só para deixar que eles os vendam ao melhor lance. Mas inclusive quando não há uma traição direta, os políticos trabalhistas fazem causa comum com os inimigos de vocês para mantê-los na linha, para evitar a ação direta. O Estado é o pilar do capitalismo, e é ridículo esperar qualquer compensação de sua parte. [...] A Quinta Avenida está pavimentada com ouro, cada mansão é uma cidadela de dinheiro e poder. Porém, aqui estão vocês, um gigante faminto e acorrentado, despojado de sua força. O cardeal Manning declarou, já faz tempo, que ‘a necessidade não conhece leis’ e que ‘o faminto tem direito a sua porção de pão do vizinho’. O cardeal Manning era um eclesiástico imbuído das tradições da Igreja, que sempre esteve do lado dos ricos e contra os pobres, mas tinha algo de humanidade e sabia que a fome era uma força irresistível. Vocês também terão de aprender que têm direito de compartilhar o pão do vizinho. Seus vizinhos não só lhes roubaram o pão, mas também lhes estão sugando o sangue. Seguirão roubando vocês, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, a não ser que vocês acordem, a não ser que vocês se tornem suficientemente ousados como para exigir seus direitos. Pois bem, então manifestem-se diante dos palácios dos ricos; exijam trabalho. Se não lhes dão trabalho, exijam pão. Se lhes negam ambas coisas, tomem o pão.”<sup>2</sup> Na manhã seguinte, foi para a Filadélfia, onde seria detida e depois trasladada novamente a Nova Iorque para ser julgada. Era o ano de 1893. O discurso final do promotor versava sobre o que aconteceria se essa “perigosa mulher” permanecesse livre: “A propriedade seria destruída, as crianças dos ricos exterminadas, as ruas de Nova Iorque se transformariam em rios de sangue.”<sup>3</sup> Discursando sobre “(...) a lei e a ordem, a santidade da propriedade e a necessidade de proteger as ‘livres instituições americanas’”, o juiz decretou um ano de prisão.

Na prisão trabalhou como enfermeira, e quando conheceu Kropotkin tinha ido para a Europa para estudar a profissão. Seu querido amigo Fedia, com quem tinha morado junto a Sacha – seu amor, que então estava preso –, subsidiaria a viagem. Passou uns tempos em Londres, onde também conheceria Louise Michel e Malatesta, onde aprenderia a falar em atos públicos celebrados ao ar livre, diferentemente dos Estados Unidos. Diferentemente também pela quantidade e concorrência desses atos, que davam a impressão de extrema prática da liberdade de expressão, como um programa de domingo. Logo vieram suas anotações: “Depois de um mês na Inglaterra compreendi a razão de tanta liberdade política. Era uma válvula de segurança contra a espantosa pobreza. O governo britânico pensava sem dúvida que enquanto permitisse a seus súditos que desabafassem falando livremente, não haveria perigo de revolta. Não encontrava nenhuma outra explicação para a inércia e a indiferença do povo diante de sua condição de escravos.”<sup>4</sup>

Quando conheceu Kropotkin, ele a recebeu em sua casa, e sua ansiedade jovem de conhecer quem já era uma presença contundente no movimento anarquista e em suas reflexões se dissolveu com a amabilidade e generosidade, e com o orgulho infantil do pensador, ao lhe mostrar sua oficina de marcenaria. Depois desse primeiro encontro, diria: “Minha visita a Pedro Kropotkin me convenceu de que a verdadeira grandeza vai sempre unida à simplicidade. Ele era a personificação de ambas. A lucidez e brilhantismo de sua mente se combinavam com sua bondade para formar num todo harmonioso uma personalidade amável e fascinante.”<sup>5</sup> Seriam vários encontros, até a morte de seu querido Pedro, em fevereiro de 1921, na Rússia leninista à que fora depois de ser deportada dos Estados Unidos, em 1919, no fervor e no terror da revolução de 1917.

Em maio de 1901, Emma Goldman daria a conferência “A fase moderna do anarquismo”, em Cleveland, no Franklin Liberal Club. Depois de ter falado, no descanso antes do debate, um jovem se aproxima e lhe pede sugestões de leitura. Lembra Emma: “Era muito jovem, quase uma criança, de estatura média, robusto e se mantinha muito rígido. Mas foi seu rosto o que me chamou a atenção, um rosto muito sensível, de pele cor de rosa e delicada; a beleza de suas feições era realçada pelo seu cabelo loiro encaracolado. Seus grandes olhos azuis mostravam força.”<sup>6</sup> No dia seguinte à conferência, sua amiga Mary Isaak, que a hospedava e oferecia um almoço de despedida, lhe anuncia a visita de um tal Nieman. Emma não conhecia o nome, mas de saída da casa dos Isaak descobre que se tratava do jovem do dia anterior. Conversam no caminho à estação de trem e finalmente Emma recomenda a seus amigos que cuidem do jovem e o incorporem ao anarquismo local. Emma passará algumas semanas em Rochester, com seus sobrinhos, sua querida Helena e outros jovens. Decidem ir às cataratas do Niágara e a Buffalo, onde se estava celebrando a Exposição Pan-americana.

De volta a Rochester encontra duas cartas de Sacha. Na primeira, ele conta sobre o castigo que tinha recebido, depois de padecer pela tortura e assassinato de um jovem amigo da prisão: fora imobilizado numa camisa de força e amarrado a um poste, e mantido assim durante oito dias. Na segunda carta, de 25 de julho de 1901, Sacha, livre do castigo pela interferência de um novo inspetor do hospital e favorecido por uma disposição legal que buscava favorecer outros presos, mostrava-se animado diante da possibilidade de receber novamente a visita de sua “irmã”. Emma visitaria Sacha depois de nove anos. Em nove anos não lhe foram permitidas as visitas, e já levava mais de um ano sem poder falar com ninguém. Na prisão de Western, como irmã de Alexander Berkman, encontrou um homem cinza, os despojos de seu amado Sacha. Durante toda a visita nenhum dos dois pronunciou palavra alguma, apenas se olharam.

Quando Emma chegou a Nova Iorque, no dia 15 de agosto de 1889, tinha o antigo endereço de um jovem anarquista que conheceu um ano antes. Conseguiu encontrá-lo, quase por coincidência. Chamava-se Solotaroff, e se lembrava dela. A levou para o café de Sachs, onde se reuniam radicais, socialistas, anarquistas, e jovens escritores iídiches. Um jovem pediu aos gritos um bife extragrande, e ela perguntou a seu amigo quem era. Era Alexander Berkman, um jovem que comia avidamente, quando tinha dinheiro. “Era apenas uma criança, mal teria dezoito anos, mas com o pescoço e o peito de um gigante. Sua mandíbula era forte e seus grossos lábios a faziam mais pronunciada. Seu rosto era quase sério, a não ser por sua testa despejada e seus olhos inteligentes. Um jovem decidido, pensei. Logo mais, Berkman me disse: ‘Johann Most fala hoje à noite. Você quer vir escutá-lo?’”<sup>7</sup>

Emma queria conhecer Johann Most. Ele editava, nos Estados Unidos, o jornal alemão anarquista *Die Freiheit*. Era uma figura intragável, conhecido por seu aspecto físico repulsivo e suas palavras cortantes, de crítica mordaz à terra da liberdade e seus princípios democráticos. Naquela noite, Most falava sobre a tragédia de Chicago. A primeira impressão de Emma correspondia em parte à impressão geral: “(...) foi de repulsão. Era de estatura média, tinha a cabeça grande, coroada pelo cabelo grisalho emaranhado, mas seu rosto estava deformado por um aparente deslocamento da mandíbula esquerda. Só seus olhos eram tranqüilizadores; eram azuis e compassivos.”<sup>8</sup> Mas falava apaixonadamente, e Emma foi cativada, como por magia. Lembra: “Pareceu se transformar em um poder primitivo que irradiava amor e ódio, força e inspiração. A fluidez de seu discurso, a música de sua voz e seu brilhante gênio, tudo se combinava para produzir um efeito quase devastador. Comoveu-me até o mais profundo.”<sup>9</sup> Most lhe emprestaria os primeiros livros, de sua grande biblio-

teca no *Freiheit*, e provocaria as primeiras discussões teóricas, se transformaria na força que faria da jovem Emma uma potente conferencista, e também em seu amante, e a levaria pela primeira vez à ópera; e, depois do atentado e prisão de Sacha, provocaria sua ira mais visceral.

Berkman foi com ela a sua primeira visita a Most, no *Freiheit*. E iria com ela a muitas visitas, a muitas conferências, passeios e cafés. Lhe apresentaria seus amigos, e um anarquismo como Causa, uma vida devotada à revolução e à insurreição disciplinada em nome de uma utopia libertária. Quando lhe apresentou Fedia, um jovem artista, mais artista do que anarquista, Emma descobriu a rigidez que vestia Berkman e a leveza que transbordava de Fedia, e ambas passaram a habitar sua vida, ambas eram muito mais do que apenas isso. Nesse dia, Emma e Sacha conversaram sobre a beleza:

“– Por que a gente não deveria amar a beleza? – perguntei a ele –, as flores, por exemplo, a música, o teatro – as coisas bonitas –.

– Não disse que não deveria, mas que está errado gastar dinheiro nessas coisas quando o movimento precisa tanto dele. É uma incongruência que um anarquista desfrute de luxos quando as pessoas vivem na pobreza.

– Mas as coisas bonitas não são luxos – insisti –, são necessárias. A vida seria insuportável sem elas.”<sup>11</sup>

Quando os três amigos foram viver juntos, Fedia sempre levava flores a Emma, e Berkman desaprovava. Mas no dia em que Emma daria sua primeira conferência, incentivada, e apavorada, pelo forte Most, lá estava, em sua mesa, uma lindíssima *American Beauty*, sua flor preferida, muito cara, que uma vez quis comprar, quando era operária em Rochester, e cujo preço equivalia a seu salário semanal. Berkman, que acreditava no verdadeiro revolucionário e nos sacrifícios de sua missão, seria com Emma o jovem e querido Sacha, o sensível Sacha, o amor louco que os dois inventaram, e no qual se inventariam dois jovens libertários, alucinando e provocando diversas revoltas, mais ou menos rígidas, mais e menos utópicas, mais e menos cruéis.

Em 1892, os trabalhadores da Carnegie Steel Company, localizada em Homestead, organizados na Amalgamated Association of Iron and Steel Workers (Associação Mista dos Trabalhadores do Ferro e do Aço) protestaram por um aumento salarial, frente à subida dos preços do aço e o aumento da produção, numa empresa quase monopolista, com total liberdade de fixar os salários. O dono da empresa declarou presidente o magnata Henry Clay Frick, conhecido pela sua aversão aos sindicatos e sua mão de ferro com os trabalhadores. As famílias dos trabalhadores foram desalojadas das casas da companhia e, logo depois, um grupo de trabalhadores foi assassinado por matadores de aluguel contratados por Frick. Para Sacha, esse era o momento do esperado *Attentat*, pois “(...) o país inteiro estava comovido, todos consideravam Frick o autor de um assassinato a sangue frio. Um golpe direcionado a Frick faria eco até no chiqueiro mais pobre, atrairia a atenção do mundo inteiro para a verdadeira causa da luta em Homestead. Também provocaria terror nas filas inimigas e faria com que percebessem que o proletariado da América tinha seus vingadores.”<sup>12</sup> Sacha mataria Frick, e seria condenado a morte, e morreria com orgulho, por sacrificar sua vida em nome do povo. Mas se suicidaria, como Lingg, antes de que a justiça fosse aplicada. No dia 23 de julho desse mesmo ano, Alexander Berkman entrou na sala de Frick e disparou três vezes contra ele; tinha levado um punhal envenenado, caso não pudesse disparar, e também o usou, acertando a perna do magnata enquanto já se debatia com os trabalhadores da empresa, que tentavam detê-lo e defender seu chefe. Os mesmos que o jovem Sacha queria libertar. Mas Frick, o assassino de operários, não morreu, e o jovem de 21 anos fora condenado a 22 de prisão, mesmo que a pena máxima, nesse caso, fosse de 7. Cumpriu 14 anos de prisão, a maior parte deles no mais terrível isolamento.

“Os filhos da escuridão – eu disse –, condenados ao inferno eterno do calor e do barulho. Sacha tinha dado sua vida para trazer felicidade a esses escravos, mas eles tinham permanecido cegos, continuavam no inferno que eles mesmos tinham forjado. ‘Suas almas estão mortas, mortas ao horror e à degradação de suas próprias vidas.’”<sup>13</sup>

Uma semana depois do *Attentat* de Sacha, aparece um artigo de Johann Most em seu *Freiheit*. Há um ataque a Frick, mas também uma certa ridicularização de Berkman, ou no mínimo uma crítica mal intencionada: segundo o autor, ele teria usado uma arma de brinquedo, e nem seus amigos mais próximos teriam confiado nele. Emma escreve um artigo no jornal *Anarchist*, como resposta às insinuações de Most, mas não recebe resposta deste. Na próxima conferência de Most, ela estaria sentada na primeira fila. Levanta-se repentinamente e afirma em alto e bom tom que veio para ouvir explicações. Most apenas conseguiu

11 Ibid, p. 57.  
12 Ibid, p. 115.  
13 Ibid, p. 143.

2. Emma Goldman. *Vivendo mi vida*, vol. 1. Madrid, Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1995, pp. 152, 153.

3. Idem, p. 160.

4. Ibid, idem.

5. Ibid, p. 196.

6 Ibid, p. 199.

7 Ibid, p. 323.

8 Ibid, p. 30.

9 Ibid, idem.

10 Ibid, ibid.

sussurrar um pálido “mulher histórica” antes de que várias chicotadas lhe atravessassem o rosto.

Naquele 6 de setembro de 1901, na Exposição Pan-americana de Buffalo, Leon Czolgosz levava um lenço branco enrolado numa mão. Ao se aproximar do presidente, levantou uma arma e disparou. Enquanto algumas pessoas retiravam o corpo ferido, e em meio ao pânico geral, o jovem Czolgosz grita visceralmente: um negro muito mais forte do que ele lhe enterra as unhas nos olhos, na patriótica tentativa de arrancá-los. A fúria desse homem de bem propaga-se por toda uma nação, a mais civilizada e democrática do mundo moderno. Na madrugada do dia 29 de novembro de 1901, Leon Czolgosz estava sentado na cadeira elétrica. Só tinha conseguido chegar à sala com a ajuda dos oficiais de justiça. Seu rosto, seus olhos azuis e seu olhar inteligente, apenas eram reconhecíveis depois de mais de dois meses da tortura sistemática que a vingança legal reclama e instaura. As palavras que precederam o terrível silêncio da aplicação da sentença ecoaram no vazio: “Não importa o que Emma Goldman tenha dito sobre mim. Ela não tem nenhuma relação com meu ato. O fiz sozinho. O fiz pelo povo americano.”<sup>14</sup> O carrasco, num arrebatado de boa-vontade, tinha lhe dado a Leon a oportunidade de dividir sua culpa com Emma Goldman.

No dia 6 de setembro de 1901, Emma estava em Saint Louis, para conversar com seu amigo Carl Nold sobre sua última visita a Sacha na prisão. Quando lhe perguntaram se sabia quem era Leon Czolgosz, disse ser a primeira vez que ouvia esse nome. Mas, ao ver a foto no jornal, o frio na espinha anuncia as próximas cenas. Leon Czolgosz era aquele jovem loiro de olhos inteligentes que queria indicações de leitura: era Nieman.

Emma foi a Chicago, para ser detida lá e não em Buffalo. A velha e eterna rixa entre autoridades garantiu que não fosse enviada a Buffalo, e que não fossem apresentadas provas contra ela. Provas que não existiam, mas que seriam necessárias para sua extradição. Mas foi torturada e mantida incomunicada. Porém, recebia cartas, ainda que não de seus amigos. O conteúdo era eloquente. Lembra Emma: “Você, maldita puta anarquista – dizia uma delas –, gostaria de poder pegar você. Arrancaria seu coração e daria para meu cachorro.” Emma Goldman, assassina – dizia outra –, você vai arder no fogo do inferno pela traição contra nosso país. Uma terceira prometia alegremente: ‘Cortaremos sua língua, mergulharemos seu corpo em óleo e queimaremos você viva.’ As descrições daquilo que alguns escritores anônimos fariam comigo sexualmente eram verdadeiros estudos de perversão que teriam impressionado as autoridades na matéria. Os autores das cartas, entretanto, me eram menos desprezíveis do que os agentes da polícia. Diariamente me entregavam pilhas de cartas que tinham sido abertas e lidas pelos guardiões da decência e da moralidade americanas. Ao mesmo tempo, me eram negadas as mensagens dos meus amigos. Estava claro que pensavam quebrar meu ânimo com tais métodos.”<sup>15</sup> Depois disso, Emma passou a rasgar as cartas que recebia na cara dos guardas, antes de lê-las, claro.

Depois de algumas semanas, Emma foi absolvida de qualquer acusação de cumplicidade com Leon Czolgosz, mesmo depois de ter escrito e falado a favor do jovem, e de ter procurado para ele, em vão, um bom advogado, ou de ter tentado, igualmente em vão, que algum anarquista o visitasse na prisão para lhe fazer saber que não estava só. Todas as visitas lhe foram terminantemente proibidas. Mas isso não acalmou a sede de vingança, nem do povo órfão nem da lei. Em 3 de março de 1903 é decretada a Lei Federal Antianarquista, que rezava: “Será negada a entrada nos Estados Unidos a qualquer pessoa que não acredite ou que se oponha a todos os governos organizados, ou seja membro de ou estiver afiliada a uma organização que albergue ou instrua sobre tal descrença ou oposição a todos os governos...”<sup>16</sup>

Em 1868, Alfred Nobel inventa a dinamite. Seu uso foi muito mais do que industrial. No congresso anarquista de La Chaux-des-Fonds, na Suíça, de 1879, é aprovada a propaganda pelo fato como método de ação. François

14 Ibid, p. 351.

15 Ibid, p. 334.

16 Ibid, p. 385.

Claudius Koenigstein, conhecido como Ravachol, ou ainda como “a voz da dinamite”, inicia, em 2 de março 1892, uma série de atentados terroristas, começando pela explosão do apartamento do presidente da Corte de Justiça, como resposta à condenação a morte de três anarquistas franceses, Decamp, Dardare e Léveillé, em agosto de 1891. Em 30 de março de 1892 Ravachol é condenado a prisão perpétua, mas dois meses mais tarde sua pena passa a ser de morte, por outros crimes e delitos cometidos desde 1886. É executado em Montbrison, no dia 11 de julho de 1892, ao grito de Viva a anarquia!

No dia 9 de dezembro de 1893, Auguste Vaillant lança uma bomba de pregos na Câmara dos Deputados de Paris. Tratava-se de uma ação simbólica, que não buscava matar ninguém, como de fato não matou. Mas nada de simbolismo houve nos efeitos imediatos de sua ação. O primeiro deles foi a proclamação das *lois scélérates*, as leis celeradas, leis de exceção que restringiam a liberdade de imprensa, proibindo as publicações anarquistas, que promoviam as ações terroristas. Leia-se, em celerado: 1. que ou aquele que cometeu ou é capaz de cometer crimes de morte ou violência; facínora, criminoso; 2. que ou aquele que possui má índole; mau, perverso; 3. que ou o que é sacrílego, abominável; 4. característico dos grandes crimes (diz-se de coisas, idéias, doutrinas etc.).<sup>17</sup> O segundo efeito foi a morte de Vaillant, guilhotinado em 5 de fevereiro de 1894, também ao grito de Morte à sociedade burguesa e viva a anarquia!

O presidente da França, Marie-Françoise Sadi Carnot, tinha recebido pedidos de vários homens ilustres, entre eles Émile Zola, a favor de Vaillant. Também da filha de Vaillant, uma menina de nove anos. Ignorou todos.

Uma semana depois da execução de Vaillant, Émile Henry Grauveay, um jovem estudante da Escola Politécnica, de 20 anos, fez explodir o Café Terminus, e afirma: “A bomba encontrada no Café Terminus é a resposta a todas as violações à liberdade, às prisões, às buscas, às leis contra a imprensa, às deportações em massa, às guilhotinas”. E ainda acrescenta: “Não pouparemos as mulheres e crianças burguesas, porque as mulheres e crianças daqueles que amamos também não foram poupadas. Não deveríamos incluir entre as vítimas inocentes, as crianças que morrem lentamente de anemia nos cortiços porque não há pão em suas casas? As mulheres que vão se tornando cada vez mais pálidas trabalhando nas fábricas, esfalfando-se para ganhar alguns tostões por dia e podendo se considerar felizes se a pobreza não as levar à prostituição? Ou os velhos que foram tratados como máquinas durante toda a vida e que agora são lançados ao monte de refugos nos asilos, quando já não têm mais forças para trabalhar? Tenham ao menos a coragem de assumir seus crimes, cavalheiros da burguesia, e reconheçam que nossas represálias são totalmente válidas.”<sup>18</sup>

Émile Henry foi julgado em 27 e 28 de junho de 1894 e condenado a trabalhos forçados. Sua pena também foi revista em virtude de crimes anteriores, e foi guilhotinado em 5 de fevereiro de 1895. Mas três dias antes do primeiro julgamento de Émile Henry, em 24 de junho de 1894, um jovem anarquista italiano, Geronimo Sante Caserio, apunhala o presidente Carnot, como resposta à execução de Vaillant. Caserio foi guilhotinado no dia 16 de agosto de 1894, também gritando Coragem, camaradas, viva a anarquia! Caserio tinha 22 anos, tinha chegado caminhando a Paris, desde a Itália. No punhal estava escrito: “Em vingança por Vaillant”.

Depois de ter passado um ano na prisão, em 1894 é organizado um ato público para dar as boas-vindas a Emma Goldman. Ela deveria falar, mas num primeiro momento não conseguiu. No camarote, junto com Ed, seu primeiro grande amor depois da prisão de Sacha, escuta uma linda

17 Houaiss, em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.ihm?verbete=celerado&cod=45860> (Consultado em 01/12/2007).

18 Émile Henry, “A defesa de um terrorista”, in *A Gazeta dos Tribunais*, 27 abril, 1894. Extraído de: [http://www.espacoacademico.com.br/021/21bandeira.htm#\\_ftn47](http://www.espacoacademico.com.br/021/21bandeira.htm#_ftn47) (Consultado em 01/12/2007). No segundo semestre de 2007, o Nu-Sol, Núcleo de Sociabilidade Libertária, da PUC/SP, apresentou a Aula Teatral “Eu, Émile Henry”. O roteiro, que inclui esta citação, será publicado no próximo número da Revista Verve, no primeiro semestre de 2008.

voz, que Ed lhe informa ser de Maria Rodda. Maria era de uma beleza encantadora, pálida, de grandes olhos negros. E muito jovem. Tinha conhecido Sante Caserio, tinham sido colegas de escola. Tinha sido aluna de Ada Negri, “a fervorosa poetiza da revolta”, como a chamava Emma. Ela tinha 14 anos quando do atentado, e foi presa. Depois da prisão, decidiu ir aos Estados Unidos, e queria conhecer Emma e Sacha. Depois de conhecer Maria, Emma mergulha em idéias, e desatinos, que comporão, com outras idéias maiores, o interessante caos de seu pensar vital: “Perguntava-me se um grande ideal, mas ardente por ter sido posto a prova, poderia competir com a juventude e a beleza radiante.”<sup>19</sup> É depois de uma briga com Ed, ainda sob o impacto de ter conhecido Maria Rodda, e pensando no atentado de Caserio, anota: “Li sobre esse atentado e outros acontecimentos similares nos jornais anarquistas que Ed me levava clandestinamente à prisão. À luz desses acontecimentos, a dor que tinha me provocado a primeira briga séria com Ed não me parecia mais do que um ponto no horizonte social de dor e sangue. Um a um foram se perfilando em minha mente os nomes dos heróis que tinham sacrificado suas vidas por um ideal ou que estavam sendo martirizados na prisão: meu próprio Sacha e todos os outros. Todos tão sensíveis à injustiça do mundo, tão nobres, induzidos pelas forças sociais a fazer o que mais aborreciam, destruir a vida humana. Alguma coisa muito dentro de mim se revoltava contra tão trágicas perdas; porém, sabia que não havia escapatória. Tinha aprendido quais eram os terríveis efeitos da violência organizada: inevitavelmente engendrava mais violência.”<sup>20</sup>

Em março de 1906 Emma Goldman começa a editar *Mother Earth*. Depois de sair da prisão, Sacha seria o diagramador da revista. *Mother Earth* foi publicada até agosto de 1917, com uma tiragem de 3000 exemplares. Em 1918, já no processo de extradição de Emma, o governo norte-americano considerou pertinente interrogar os assinantes da revista. Eram mais de 8000. Para *Mother Earth*, entre muitos outros, e além de Sacha e Emma, escreveram Voltairine de Cleyre, Ricardo Flores Magón, Kropotkin, Malatesta, Eugene O'Neill, Elisée Reclus, Rudolph Rocker, Leon Tolstói.

No dia 18 de maio de 1906, depois de 14 anos, Sacha deixava a prisão. Deixou a prisão dez meses antes, mas fora transferido a um correccional, para cumprir mais um ano de condenação, que tinha sido determinado pelo juiz sobre os 21 da pena original. O ano seria comutado em dez meses, caso o réu apresentasse bom comportamento. Sua última nota antes de ser transladado, escrita em alemão, era para Emma, e dizia:

“Minha muito querida:

Por fim é 19,<sup>21</sup> quarta-feira de manhã!

Bata mais devagar, palpitante coração meu e feche suas feridas sangrentas, este é o meu dia final

e estas suas horas declinantes!

Meus últimos pensamentos entre estes muros são para você, minha querida amiga, a Imutável.

Sacha.”<sup>22</sup>

No dia 18 de maio, Emma estava com o amigo Carl Nold e sua namorada na estação de trem de Detroit. Quando Sacha apareceu distante ela não conseguiu se mexer. “Meus amigos voltaram, um estranho caminhava entre eles com andar cambaleante. ‘Aqui está Sacha!’, gritou Carl. Esse estranho, era Sacha?, perguntava-me. Tinha o rosto mortalmente branco, os olhos ocultos detrás de uns grandes e feios óculos; o chapéu ficava grande demais e lhe cobria a testa, tinha um aspecto patético, desolado. Notei seu olhar sobre mim e vi sua mão estendida. Um sentimento mistura de terror e piedade se apoderou de mim, um irresistível desejo de apertá-lo contra meu coração. Coloquei as rosas que tinha levado em sua mão, joguei meus braços em volta de seu corpo e apertei meus lábios contra os seus. Palavras de amor e desejo me queimavam dentro e ficaram sem serem ditas. Pendurei-me de seu braço enquanto caminhávamos em silêncio.”<sup>23</sup>

19 *Vivendo mi vida*, p. 180.

20 Idem, p. 182.

21 19 de julho de 1905, data do traslado.

22 *Vivendo mi vida*, p.406.

23 Idem, p. 423.

#### Uma revolução saudável

D. H. Lawrence

Se você fizer uma revolução, faça-a por prazer, não a faça numa seriedade horrível, não a faça numa determinação mortal, faça-a por prazer.

Não a faça porque odeia as pessoas, faça-a só para cuspir nos olhos delas. Não a faça por dinheiro faça-a e dane-se o dinheiro.

Não a faça pela igualdade, faça-a porque temos igualdade demais e porque seria engraçado atrapalhar a ordem e ver para que lado as pessoas iriam.

Não a faça para as classes trabalhadoras. Faça-a para que todos nós possamos ser pequenas aristocracias e não fazer nada como alegres burros fugidos. Não a faça, de toda forma, pela Força de Trabalho [internacional.

Trabalho é algo que já tivemos em demasia. Vamos abolir o trabalho, vamos acabar com o trabalho! Trabalho pode ser alegre, e os homens podem ter prazer nele; [então não é labuta. Vamos fazer assim! Vamos fazer uma revolução por prazer!

#### contra-consenso

Alberto Centurião

tantas coisas que se diz e não se pensa que se faz ou não se faz só por costume que se aceita sem pensar sagradas crenças velhas leis que disciplinam o cardume

essa herança maldita do passado sacrossantas verdades imortais entravando os passos do entreado são atraso de vida e nada mais

induzindo as novas gerações a repetir as fórmulas surradas apoiadas em clássicos bordões

ecoando com gargantas renovadas velhos cânticos verdades e pregões que engessam as bandeiras desfraldadas

saiu assim feito um soneto porque o modelo tem força até na hora de negar os modelos mas para dizer mesmo o que penso só tem um jeito de ser válido um consenso seja ele revisado a cada dia e não tenha por defesa outra via que não seja a discussão cotidiana sobre sua validade e permanência porque toda idéia tem seu prazo e não há nada mais podre que uma idéia cuja validade está vencida

a realidade muda e clama por idéias novas que matem idéias velhas na contra-mão do consenso que se torna contra-senso

Sampa, 07 de dezembro de 2007

# CINEMA & ANARQUIA

02/03: - **A Onda** (60min, Alex Grasshoff)

Como foi possível que todo um povo aceitasse calado as atrocidades cometidas durante o regime nazista alemão? Ante essa dúvida, levantada por uma aluna durante uma aula de história, o professor inicia uma experiência com sua classe que finalmente mostrará a todos/as o quão facilmente manipuláveis somos.

09/03: - **Bem Vindos**

Uma comunidade alternativa, novos moradores, e a perda contínua dos valores alternativos de convivência que propeham.

16/03: - **Laranja Mecânica** (137min, Stanley Kubrick - 1971)

Elaborado a partir do livro homônimo de Anthony Burgess, o filme nos mostra a transformação de Alex, membro de uma violenta gangue que, nas mãos do Estado, se torna um cidadão exemplar.

30/03: - **The Day The Country Died** (92min., 2006)

Documentário lançado no final de 2006 que relata, através de depoimentos, o início do anarcopunk na Inglaterra. Reapresentação com versão legendada em português.

06/04: - **A Tornallon**

A Tornallon (mutirão, em valenciano) é um documentário que conta a história de resistência de uma comunidade rural nos arredores de Valência, na Espanha.

13/04: - **Okupas na Espanha**

Mostra dos curtas:

- **El Mirador - Movimento Okupa:** Programa que acompanha a movimentação okupa na Espanha, enfocando

suas principais idéias e propostas, a convivência interna, as atividades realizadas, a problemática legal e outras questões.

- **Resistir é Vencer:** Coletânea de imagens de atos, manifestações de rua, desalojos e ocupações.

- **A Faísca que Acende o Pavio:** Curta que relata o processo de organização, resistência e desalojo da ocupação feita em um cinema na Espanha

27/04: - **Public Blue - Anarquia e Sem-Tetos no Japão**

1/05: - **Entreatos** (117min - João Moreira Salles, 2004)

Documentário que acompanha a campanha de Luís Inácio Lula da Silva à presidência da República passo a passo, revelando os bastidores desse momento com conversas privadas, reuniões, telefonemas, traslados, gravações de pronunciamentos e programas eleitorais.

18/05: - **Ácratas** - versão legendada em português (73min. - Virgínia Martínez, 2000)

Documentário que resgata a história do anarquismo no Uruguai e dos anarquistas expropriadores do Rio da Prata e Montevideu no primeiro terço do século XX. Fazendo uso de fotos, filmes, materiais de arquivo e testemunhos de historiadores, anarquistas e familiares, o documentário remonta uma série de fatos e relembra nomes de anarquistas como Miguel Angel Rosigna, Buenaventura Durruti e Severino di Giovanni.

25/05: - **Sessão Especial: Un Pueblo en Armas** (55min. - Juan Pallejá e Louis Frank 1937).

Documentário antifascista realizado com materiais das produtoras vinculadas aos sindicatos anarquistas nos anos 30. O material utilizado mostra os acontecimentos e fatos da Revolução Social Espanhola a partir de 1936 e os conflitos da guerra civil.

## Oficinas libertárias

Em 2008 daremos início a uma nova atividade no CCS: as oficinas libertárias, cujo objetivo é divulgar e conhecer melhor o pensamento de escritores do anarquismo. Cada oficina será dedicada a um autor, com quatro encontros quinzenais.

Começaremos em maio, com Proudhon, retomando no segundo semestre com Malatesta. Na seqüência, estão programados encontros com Bakunin, Kropotkin, Godwin, Stirner e uma oficina dedicada a quatro pensadores brasileiros.

Os interessados deverão inscrever-se antecipadamente, pois o número de participantes será restrito. Não haverá cobrança de inscrições, mas aceitaremos contribuições voluntárias, para cobrir as despesas com a organização.

## Oficinas libertárias, encontros no Café Malatesta: Proudhon

Coordenação de Natalia Montebello,  
Dias 15 e 29 de maio e 05 e 18 de junho de 2008,  
das 19h30 às 21h00,  
máximo de 20 participantes.  
Inscrições e informações na sede do CCS ou no site  
[www.ccssp.org.br](http://www.ccssp.org.br)

## Ocupar & Resistir!

Marina Chen

No dia 07 de setembro de 2007, durante o Grito dos Excluídos, em Brasília-DF, integrantes do Coletivo de Resistência Anarcopunk (KRAP) e Convergência de Grupos Autônomos do Distrito Federal (CGA-DF) ocuparam um prédio abandonado havia mais de 10 anos - antiga propriedade do BANERJ (Banco do Estado do Rio de Janeiro), comprada pelo Banco Itaú em 2004. Nascia ali a ocupação *Casa das Pombas*.

Com o objetivo de transformar o local em espaço cultural e político, que possibilitasse a realização de atividades diversas e o encontro entre indivíduos e grupos, foi iniciada a organização de um ateliê artístico de produção coletiva e espaço para oficinas, palestras e outras atividades. Para reativar o local, que após os anos de abandono se encontrava sem água e luz e tomado por pombas e ratos, o grupo articulou mutirões de limpeza e efetuou o pagamento das contas de água atrasadas, totalizando R\$ 844,00. Também estavam na ocupação alguns/mas companheiros/as de outros países, de passagem pelo DF, que contribuíram com a organização do espaço.

Pouco mais de um mês após a ocupação, se iniciou a operação de expulsão. Os fatos que relatamos a seguir trazem à tona mais uma tentativa de perseguição e criminalização das movimentações sociais que têm ocorrido sistematicamente mundo afora:

08 de outubro: policiais do Batalhão Tático da Polícia Civil invadem a ocupação durante a noite. Armados de metralhadoras apreendem materiais impressos e afirmam ter encontrado drogas no local. Cinco pessoas são detidas e levadas para abrir inquérito na sede da PF e uma é encaminhada para interrogatório na delegacia da Polícia Civil.

09 de outubro: durante a madrugada, as pessoas detidas são liberadas e se decide em assembléia a permanência no local

até a chegada oficial do pedido de reintegração de posse. Pela manhã, a PF e a Polícia Civil invadem o local novamente, ameaçando as pessoas presentes com metralhadoras e detêm os/as ocupantes da casa sem acusações claras.

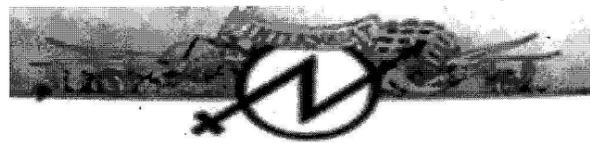
Após 8 horas de detenção, sem que as acusações de tráfico de drogas, prostituição e roubo de água e luz pudessem ser comprovadas, surge uma nova acusação: "formação de quadrilha de ocupação de prédios abandonados", tendo como prova um panfleto apreendido, intitulado *Como ocupar casas abandonadas*. O pedido de Habeas Corpus é negado pelo juiz Jerry A. Teixeira, responsável pelo caso.

10 de outubro: o decorrer do caso é acompanhado pela mídia corporativa, sob acusações de tráfico de drogas, roubo de água e luz e formação de quadrilha. A versão noturna do Jornal da Record - DF, do dia 10, tem como chamada "Desarticulada uma quadrilha especializada em invasão de prédios abandonados".

11 de outubro: durante a madrugada, os/as detidos acusados/as de formação de quadrilha pelo delegado Damião Lemos são encaminhados para penitenciárias locais.

Somente no dia 16 de outubro, uma semana após a detenção dos/as okupas, são todos/as liberados, em regime de liberdade provisória. Os últimos a serem liberados foram duas mulheres e um homem uruguaios, detidos até que sua documentação de permanência no país fosse regularizada. Durante a prisão os detidos foram torturados, e duas pessoas permaneceram durante toda a semana sem acesso a remédios de uso regular. Materiais impressos e pertences pessoais que ficaram no prédio foram apreendidos e, devido às más condições de armazenamento, muitos se deterioraram e foram perdidos.

No dia 19 de outubro ocorreram atos de solidariedade em Brasília, São Paulo e outras localidades. Em São Paulo, o ato foi realizado em frente ao Itaú Cultural, com organização de uma quadrilha, com figurino e músicas apropriadas, denúncias do caso e crítica à criminalização do protesto social.



Nós ocupamos casas porque elas estão vazias. Nós ocupamos casas porque delas precisamos. Nós ocupamos casas para acabar com a propriedade privada. Nós ocupamos casas para sermos numerosos/as no café da manhã do meio dia. Nós ocupamos casas para não perder a nossa vida por pagar o aluguel. Nós ocupamos casas para romper os muros e transformar as relações sociais. Nós ocupamos casas para tomar coletivamente nas mãos os espaços comuns de nossos desejos. Nós ocupamos casas para sermos nossos próprios pedreiros/as, arquitetos/as, encanadores/as, jardineiros/as, artesãos/as, eletricitistas, vidraceiros/as, desratizadores/as, soldados/as... Nós ocupamos casas porque viver encerrados/as nos entedia terrivelmente. Nós ocupamos casas porque não acreditamos na lei. Nós ocupamos casas porque não queremos administradores e suas regras. Nós ocupamos casas não somente para não pagar aluguel, mas para fazer pagar aqueles que fazem pagar aluguéis. Nós ocupamos casas para que nossas crianças únicas sejam plenas de irmãos e irmãs. Nós ocupamos casas porque uma cidade povoada de banqueiros nos enche o saco. Nós ocupamos casas porque nós ocupamos casas.

## Squat tranca rua

Há pouco mais de dois meses, alguns anarquistas ocuparam um antigo casarão na zona portuária de Pelotas/RS, localizado na Rua Benjamin Constant, 1070. Desde então mutirões de arrumação e reforma vêm sendo realizados pelos ocupantes, bem como diversas atividades culturais. Algumas doações aceleraram a organização de uma biblioteca libertária, e o espaço já tem condições de receber companheiros interessados em conhecer e ajudar na organização. A água será instalada em breve, assim como a luz, o que tornará possível a realização da videoteca. O coletivo pretende utilizar o espaço para difundir a anarquia e a vivência libertária através de oficinas, grupos de estudo, mostras de cinema, mini-auditério e outras intervenções artístico-culturais, enfim, formas de resistência à sociedade capitalista. A primeira grande atividade do ano foi o *Carnaval Libertário*, realizado entre os dias 02 e 05 de fevereiro, contando com a participação de coletivos e indivíduos anarquistas de Florianópolis, Porto Alegre, Pelotas e do Uruguai. O espaço está aberto para eventos, propondo-se acolher interessados na aproximação com o anarquismo ou em ajudar na consolidação dos objetivos. Mais informações no site <http://okupatrancarua.blogspot.com>, no email [imlibertario@yahoo.com.br](mailto:imlibertario@yahoo.com.br) ou no próprio endereço. Saúde e Anarquia!

## Um CIRA brasileiro?!

Circula a notícia de que os companheiros do RJ têm a intenção de organizar um CIRA brasileiro naquela cidade com, ao que parece, os materiais de Ideal Peres, antigo militante carioca. Não podemos deixar de saudar uma tal iniciativa e prestar toda nossa solidariedade, já que no Brasil a postura que alguns grupos e individualidades anarquistas mantêm frente seu acervo é para lá de esquizofrênica (para não dizer autoritária e obscurantista!), fomentando muito mais a vaidade e a ânsia de poder do que socializando o patrimônio histórico-político do anarquismo brasileiro; e isso de tal modo, que é triste constatar que hoje em dia é mais *libertário* um arquivo de anarquismo nas mãos do Estado do que nas mãos de certos anarquistas. Sabemos que o CIRA de Lausanne, como o de Marseille e todos os centros de pesquisa, arquivo e documentação membros da FICEDL, prestam-se precisamente a esse trabalho fundamental de conservação e sobretudo *disponibilização* do patrimônio cultural da anarquia; por isso, que viva o CIRA-RJ e todos as iniciativas semelhantes!

## O CCS na Radio Libertaire!

Em breve as atividades do Centro de Cultura Social serão transmitidas pela Radio Libertaire, da Federação Anarquista Francófona, desde Paris. Um acordo entre o CCS e a RL já foi estabelecido para essa iniciativa, sendo que a questão a ser resolvida é meramente técnica. A idéia é que as atividades sejam registradas em MP3 e armazenadas no site, juntamente com uma breve apresentação em francês. Os companheiros da RL possibilitarão que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo onde exista uma conexão à Internet, possa ouvir o CCS...

## Programação

aos sábados, sempre às 16h00

15/03

Almoço de abertura com música e boa conversa.

29/03

Lançamento do livro *O Inimigo do Rei: imprimindo utopias anarquistas*, Achiamé Editor. Debate com Carlos Baqueiro (organizador) e com Gustavo Simões (integrante do Nu-Sol, bacharel e mestrando em Ciências Sociais).

05/04

*Roberto Piva, poeta maldito da anarquia*, com Flávio Fraschetti (bacharel e mestrando em Ciências Sociais).

12/04

*Liberdade de crença*, com Alberto Centurião (poeta, escritor, autor e diretor de teatro, secretário do CCS).

26/04

*A denúncia como sistema*, com Lúcia Soares (professora de sociologia, integrante do Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais).

10/05

*Invenções de liberdades e 1968*, com Natalia Montebello (professora, integrante do Nu-Sol, secretária do CCS e doutoranda em Ciências Sociais).

17/05

*Algumas cenas do anarquismo europeu*, com Nildo Avelino (integrante do Nu-Sol e do CCS).

31/05

*Uma perspectiva abolicionista do direito de voto do preso*, com Gabriel Espiga (advogado criminalista, integrante do Nu-Sol e do CCS e mestrando em Ciências Sociais).

07/06

*Saúde e Anarquia*, com Nilton Melo (farmacêutico e integrante do CCS).

14/06

*A Canção no Feminino*, com Carolina Murgel (doutoranda em História Cultural no IFCH/UNICAMP; violonista e cantora com formação, pesquisa e divulgação em MPB; fundadora e responsável do site MPB Net: <http://www.mpbnet.com.br>).

21/06

*Anarco-cristianismo*, com Gustavo Ramus (integrante do Nu-Sol, bacharel e mestrando em Ciências Sociais).

28/06

Leitura dramática de *Santo Inquérito*, de Dias Gomes, com a direção de Alberto Centurião.